

ESTE LIVRO É UMA REFLEXÃO
SOBRE NÓS DIANTE DOS OUTROS,
SOBRE OS OUTROS FACE A NÓS E,
PRINCIPALMENTE, SOBRE CADA UM
DE NÓS EM CONFRONTO COM SEU
PRÓPRIO EU. ELE IMPRIME EM NÓS UMA
MARCA QUE PERMANECE. NISTO ESTÁ
SUA MAGIA, POIS NOS OBRIGA
A REFLETIRMOS SOBRE COMO SOMOS
PERANTE OS OUTROS, COMO NOS
VEMOS, COMO GOSTARÍAMOS
QUE NOS VISSEM.

ISBN 85-323-0180-0



9 788532 301802

JOSÉ ANGELO GAIARSA

O ESPELHO MÁGICO



o espelho mágico

um
fenômeno
social
chamado
corpo e
alma

josé
ângelo
gaiarsa

13^a edição


summus editorial



CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

G131e Gaiarsa, José Ângelo, 1920-
O espelho mágico : um fenômeno social chamado
corpo e alma / José Ângelo Gaiarsa. — São Paulo :
Summus, 1984.

1. Comunicação — Aspectos sociais 2. Relações
interpessoais I. Título.

84-0296

17. CDD-301.1
18. 301.14

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunicação : Aspectos sociais : Psicologia social
301.1 (17.) 301.14 (18.)
2. Relações interpessoais : Comunicação : Aspectos sociais
301.1 (17.) 301.14 (18.)

o espelho mágico

um
fenômeno
social
chamado
corpo e
alma

josé
ângelo
gaiarsa




summus editorial

O ESPELHO MÁGICO

Copyright © 1973, 1984

by José Ângelo Gaiarsa

Capa:

Claudio Rocha

Projeto Gráfico e

Ilustrações: Claudio Rocha e

Suzana Barros Freire

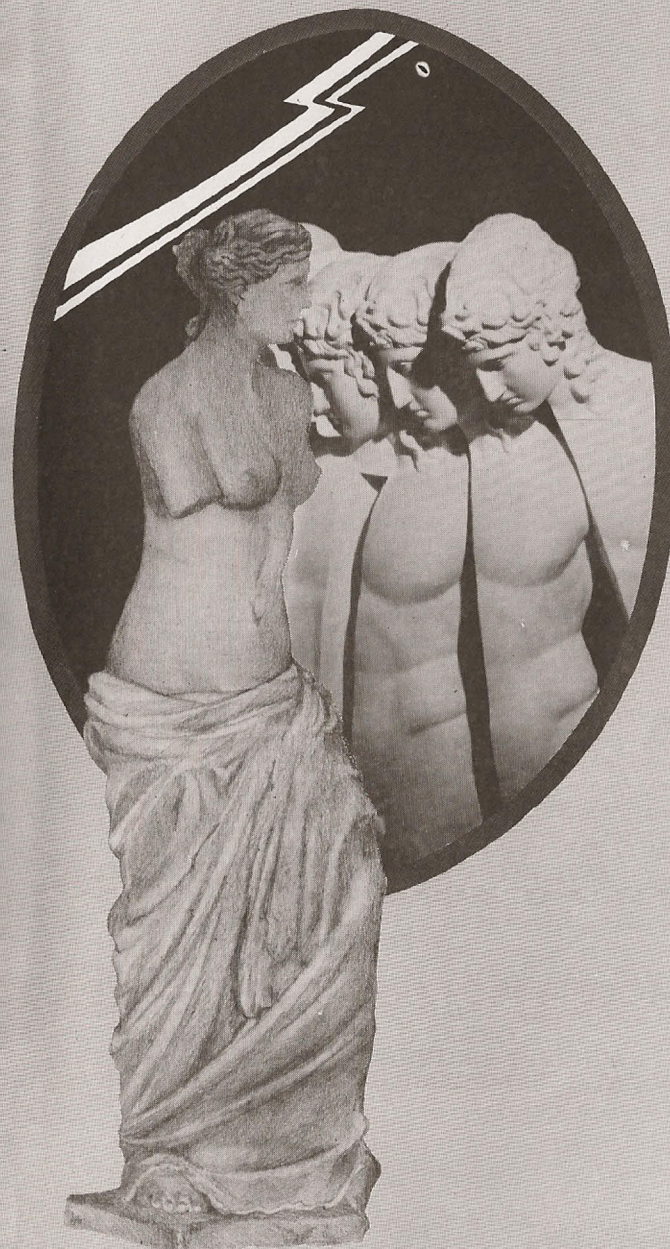
com a cooperação criativa do Autor.

A escultura moderna que
aparece na capa, em foto de
J. A. Gaiarsa, é de
Marta Minujín (nascida em 1943,
atuando na Argentina).

Proibida a reprodução total ou parcial
deste livro, por qualquer meio e sistema,
sem o prévio consentimento da Editora.

Direitos desta edição
reservados por
SUMMUS EDITORIAL LTDA.
Rua Itapicuru, 613 – cj. 72
05006-000 – São Paulo, SP
Tel.: (011) 3872-3322
Fax: (011) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Impresso no Brasil



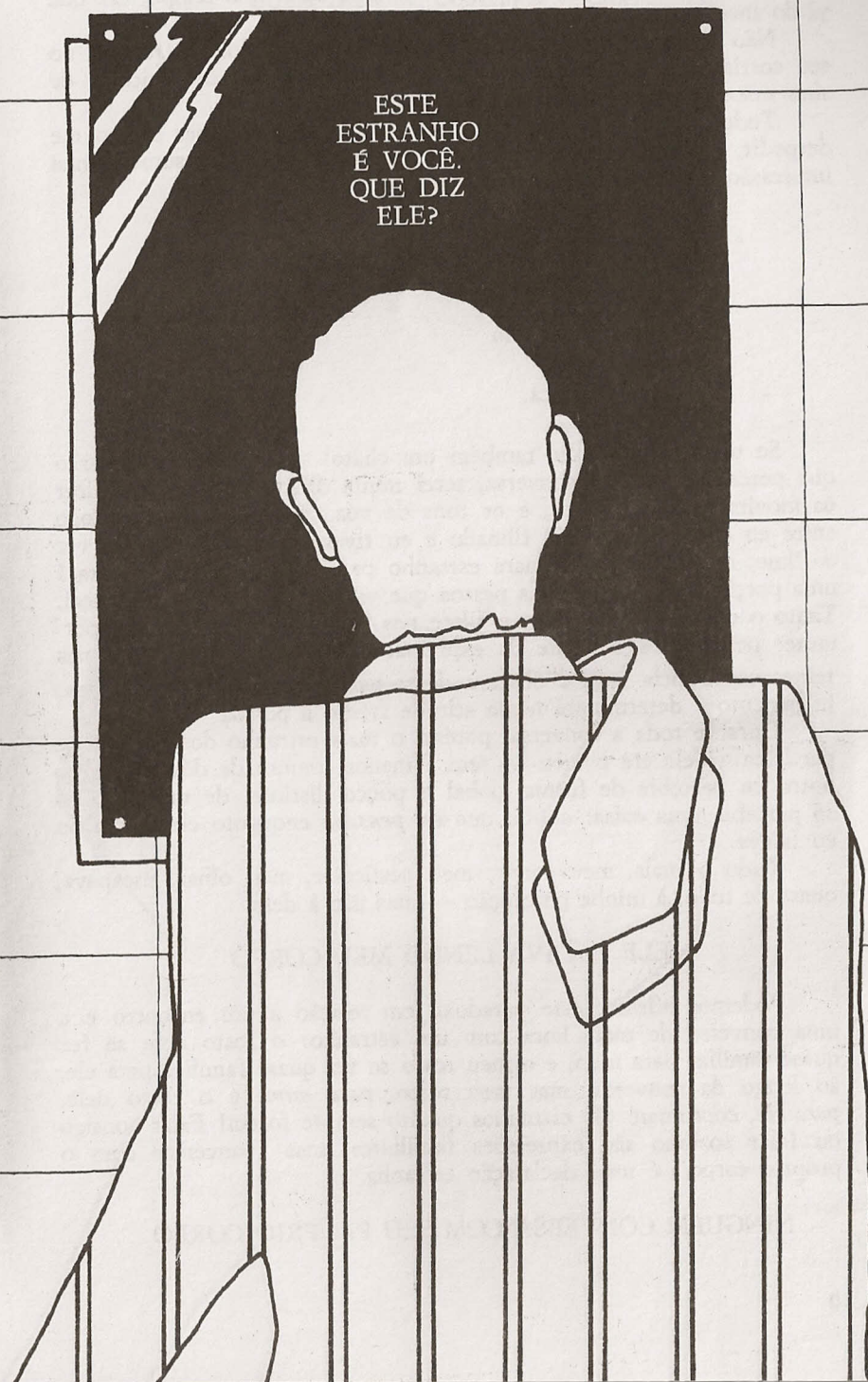
ÍNDICE

1. A FACE ESTRANHA QUE É A MINHA	8
2. O ACONTECER E AS CATEGORIAS	13
3. AS PALAVRAS E A ETERNIDADE	17
4. TUDO COMEÇA NA INFÂNCIA (FREUD)	19
5 O VÍCIO DA PALAVRA	23
6. O ESPELHO MÁGICO DA RAINHA	25
7. O ÍNTIMO ESTÁ POR FORA!	29
8. CORPO E ALMA	31
9. QUEM VÊ CARA VÊ CORAÇÃO?	33
10. O INCONSCIENTE VISÍVEL (REICH)	37
11. HAMLET E A PERPLEXIDADE	41
12. LEI DA DESGRAÇA IRREMEDIÁVEL	47
13. O CAVALEIRO ANDANTE	48
14. MORENO, O PSICODRAMA E OS PAPEIS COMPLEMENTARES ..	53
15. LORENZ E AS CONDUTAS INSTINTIVAS	57
16. OS FUNDAMENTOS MOTORES DO PRINCÍPIO DE NÃO CON- TRADIÇÃO	59
17. A MORAL AS AVESSAS	63
18. O UNIFORME	65
19. A EXEMPLAR HISTÓRIA DO REIZINHO VAIDOSO	67
20. O MAL DO BEM E DO MAL	71
21. MINHA VONTADE E O OUTRO	73
22. A MALDIÇÃO DA ESTRUTURA DIVIDIDA	75
23. O MISTÉRIO DA <i>SOLIDARIEDADE</i> ANTAGÔNICA	79
24. EPITÁFIO	81

**1.
A FACE
ESTRANHA
QUE É
A MINHA**

*Meu rosto me é mais estranho
que meu íntimo.
Mais fácil me é aceitar um
pensamento como meu, do que
aceitar (ou sequer perceber) que
ao dizer "sinto muito", a expressão
de meu rosto era
de completa indiferença.*

ESTE
ESTRANHO
É VOCÊ.
QUE DIZ
ELE?



Sou apresentado a uma pessoa em reunião social. Converso com ela meia hora. Vejo mais do seu rosto, durante este tempo, do que vi do meu rosto durante o ano inteiro.

Não só vi muito mais, como vi de outro modo. *Eu reparei* no seu sorriso, no seu modo de olhar, prestei atenção no gesticular de suas mãos, e nas posições de seu corpo.

Tudo o que vi influenciou no nosso relacionamento; mas se, ao me despedir, alguém me perguntar o que achei da pessoa, resumo minha impressão em frases curtas:

- simpático
- chato
- legal
- que pretensioso
- um coitado
- que matraca.

Se um amigo — ele também um chato! — insistir em saber o que percebi durante a conversa, terei muita dificuldade em qualificar os movimentos, os gestos, e os tons de voz. Se por acaso o diálogo entre eu e o estranho for filmado e eu tiver a oportunidade de ver o filme, o estranho continuará estranho para mim; o filme mostrará uma porção de expressões da pessoa que vi, mas que na certa esqueci. Tanto o diálogo social como o filme nos demonstram um fato importante: percebemos bastante da expressão não verbal dos outros, mas temos consciência vaga e obscura desta percepção que comporá nosso julgamento e determinará nossa atitude frente à pessoa.

Durante toda a conversa, porém, o mais estranho dos rostos que participava dela era o meu — sem a menor sombra de dúvida. Se ao outro eu percebia de forma global e pouco distinta, de mim mesmo só percebia uma coisa: aquilo que *eu pensava* enquanto ele falava ou eu falava.

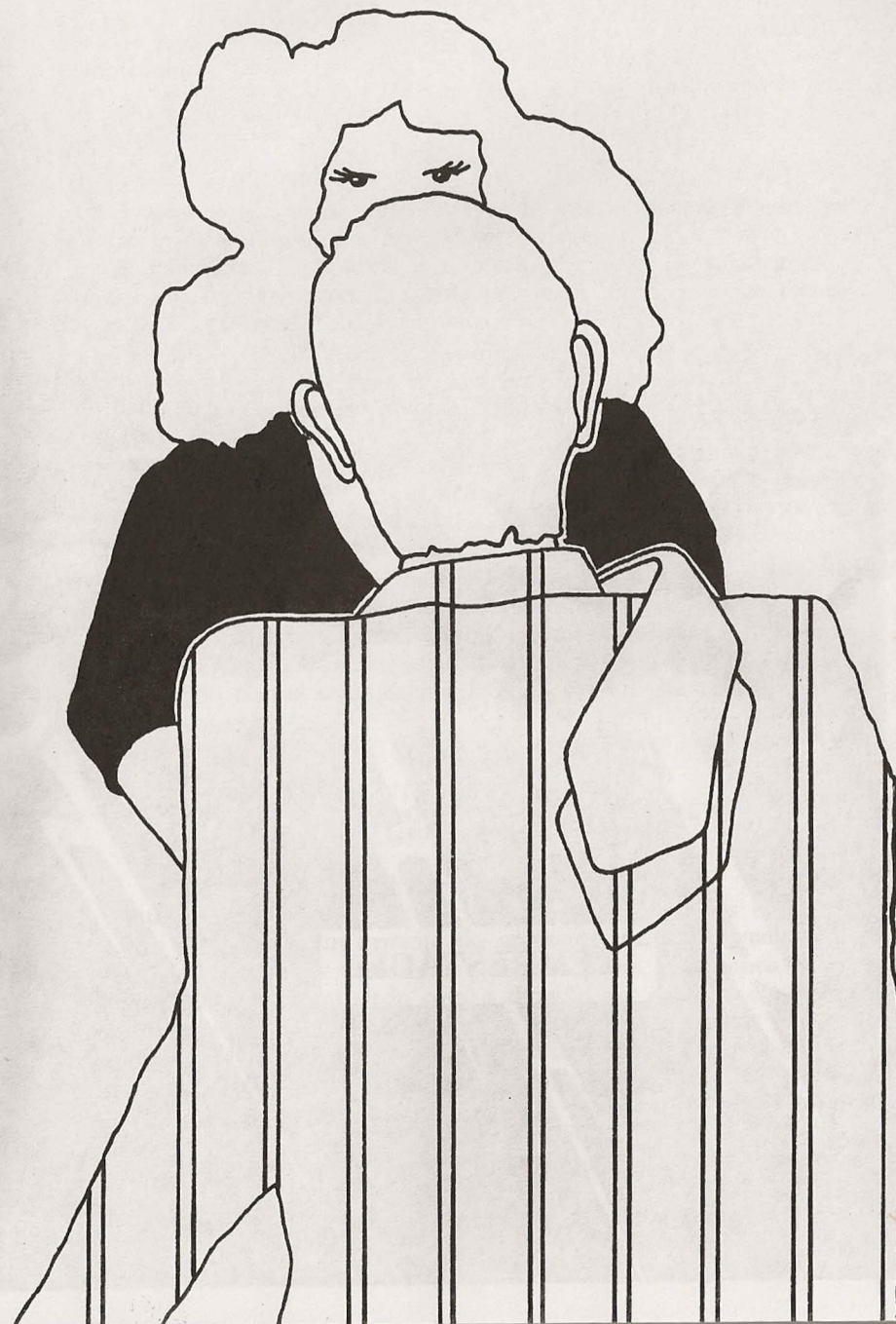
Tudo o mais, meu sorrir, meu gesticular, meu olhar, escapava, quase de todo, à minha percepção — mas não à dele!

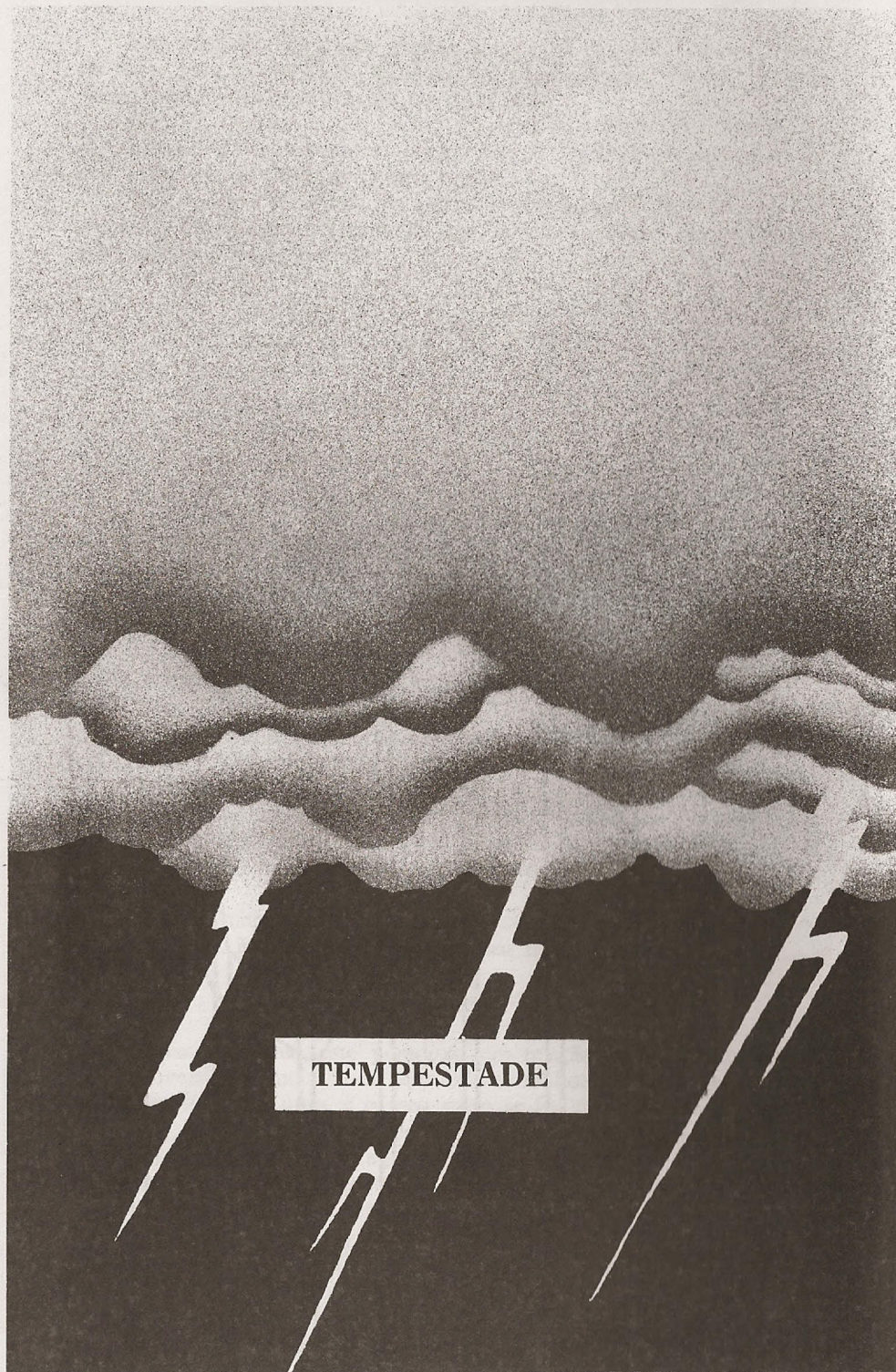
ELE ESTAVA LENDO MEU CORPO

Podemos afirmar este paradoxo em relação a um encontro e a uma conversa de meia hora com um estranho: o rosto dele se fez quase familiar para mim, e o meu rosto se fez quase familiar para ele, ao longo da conversa, mas meu rosto, *para mim*, e o rosto dele, *para ele*, continuam tão estranhos quanto sempre foram! Falar consigo ou falar sozinho são expressões familiares, mas “conversar com o próprio corpo” é uma declaração estranha.

NINGUÉM CONVERSA COM SEU PRÓPRIO CORPO...

NO DIALOGO COM O OUTRO
QUEM ESTÁ DE COSTAS É VOCE,
QUE NÃO SE VÊ.





2. O ACONTECER E AS CATEGORIAS

O acontecer é muito mais amplo do que o retrato falado que dele fazemos — depois que ele aconteceu.

As categorias são verbais e o acontecer, além de ser verbal, é também visual, afetivo, condicionado pela experiência passada. Depende do lugar, do momento, das pessoas.

O acontecer é, também, muito mais rico do que as palavras que dizemos enquanto o acontecer se desenrola.

No entanto, porque a palavra é fácil, porque somos animais irremediavelmente tagarelas,

PORQUE A PALAVRA FEZ AO HOMEM
MUITO MAIS DO QUE O HOMEM FEZ À PALAVRA,

por tudo isso e por muito mais, preferimos, sempre que não seja absolutamente indispensável proceder de outro modo, acreditar que as palavras se confundem com as coisas, e que o mundo é uma vasta sinfonia de significados verbais e mais nada.

O mundo é uma soma de significados sem substância: um dicionário!

Além disso,

“O ACONTECER É GLOBAL E
SIMULTÂNEO. AO PASSO QUE O VERBAL
É SUCESSIVO E LINEAR...”

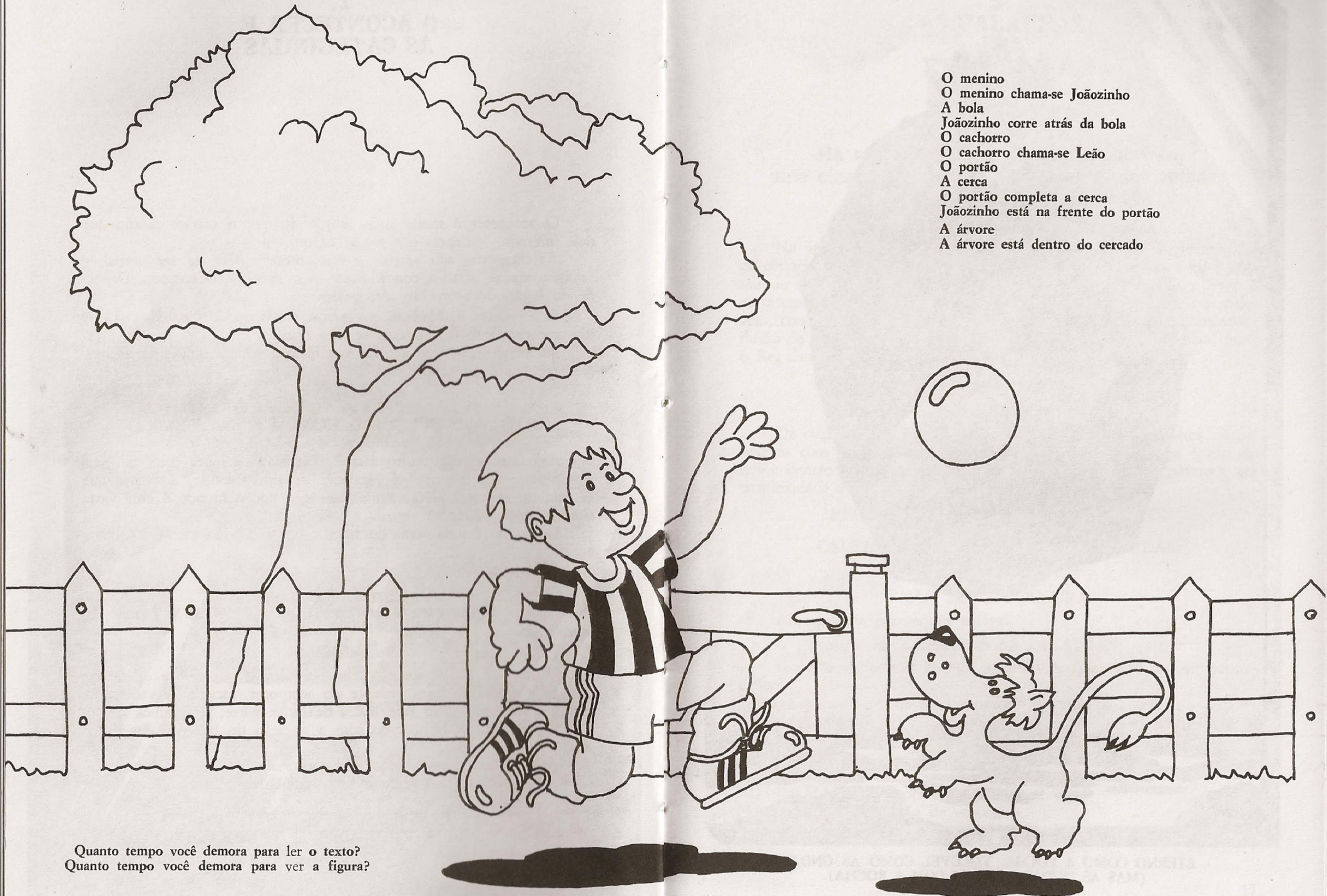
Marshall McLuhan

Muitas coisas acontecem a cada instante. Se fôssemos descrever, com toda a precisão, um instante do acontecer, facilmente escreveríamos um livro. Para ler este livro, de outra parte, levaríamos tempo deveras enorme, se comparado com a duração do instante em que o acontecer aconteceu.

As palavras representam muito pouco do fato e, além disso, colocam todos os fatos dentro do mesmo sistema de coordenadas.

TUDO FICA IMENSAMENTE SIMPLIFICADO.
TUDO FICA IMENSAMENTE FALSIFICADO.

O menino
O menino chama-se Joãozinho
A bola
Joãozinho corre atrás da bola
O cachorro
O cachorro chama-se Leão
O portão
A cerca
O portão completa a cerca
Joãozinho está na frente do portão
A árvore
A árvore está dentro do cercado



Quanto tempo você demora para ler o texto?
Quanto tempo você demora para ver a figura?



ETERNO COMO A ROCHA. VOLÚVEL COMO AS ONDAS.
(MAS AS ONDAS ACABAM COM A ROCHA).

3. AS PALAVRAS E A ETERNIDADE

**Há milênios, os homens descobriram
uma classificação dita fundamental das coisas:
as transitórias e as "eternas"
(permanentes, "seguras" . . .)**

Na verdade, a distinção tem mais que milênios. Começou com os primeiros balbúcios humanos, porque as únicas coisas estáveis do mundo são as palavras, que podemos repetir, sempre iguais e sempre as mesmas, quando e quanto nos apraz. Podemos descansar nas palavras, confiar nas palavras, obter delas a mais profunda e embaladora ilusão de certeza, de segurança e de permanência. A Lei, os Princípios, o Regulamento — eis a eternidade realizada.

TUDO O MAIS MUDA, CAMINHA,
TRANSFORMA-SE, EVOLUI.

De outra parte, se a cada momento que abrimos os olhos, percebermos com clareza todas as diferenças que ocorreram em torno de nós e dentro de nós durante este instante, viveremos em pasmo e em perplexidade sem fim.

RECÉM-NASCIDOS A CADA MOMENTO!

CALEIDOSCÓPIOS QUE SE TRANSMUDAM
A CADA INSTANTE.

NÃO SERIA LOUCURA?

Algo precisa parecer-nos estável:

ESCOLHEMOS AS PALAVRAS.

É muito importante manter a ilusão de que as coisas são permanentes.

Na verdade, é muito importante transformar, por um ato de adoração, coisas tão transitórias quanto as demais em coisas "eternas".

Nosso ato de adoração eterniza as coisas.

Assim nasce a liturgia.

É nosso medo que nos faz adorar.

AD + ORAR = Recorrer a alguém.

Nosso prêmio é a ficção de segurança.

"Nada mudou. Sou sempre eu!"



4. TUDO COMEÇA NA INFÂNCIA (FREUD)

Bem antes de aprendermos a falar, porém, já sabemos muito bem o que mamãe quer dizer com o olhar e com o tom de voz, o que significa o gesto de nosso irmão, como fazer para controlar as visitas — tudo isso sem abrir a boca! Com sorrizinhos, bater de palmas, gargarejos, volver de cabeça e movimento dos olhos, conversamos, ativamente, com o mundo que nos cerca, desde poucos meses de idade. O corpo fala e os olhos ouvem, muito antes de a boca aprender a articular palavras. É de se supor que, já com um ano, sabemos bastante bem qual o estado de espírito de mamãe, apenas ouvindo seu tom de voz, apenas sentindo sua maneira de nos retirar do berço e de nos carregar nos braços.

Só vários anos depois é que a palavra começa a fazer-se importante para nós; a palavra enquanto articulação, significado, ordem, súplica.

Mesmo mais tarde, em nossa vida, sabemos bem como devemos proceder diante do patrão, do professor ou do papai, apenas percebendo, num relance, a expressão do rosto de cada um deles, a maneira de gesticular ou até o ruído da marcha destes personagens importantes. *Ouvimos com os olhos.*

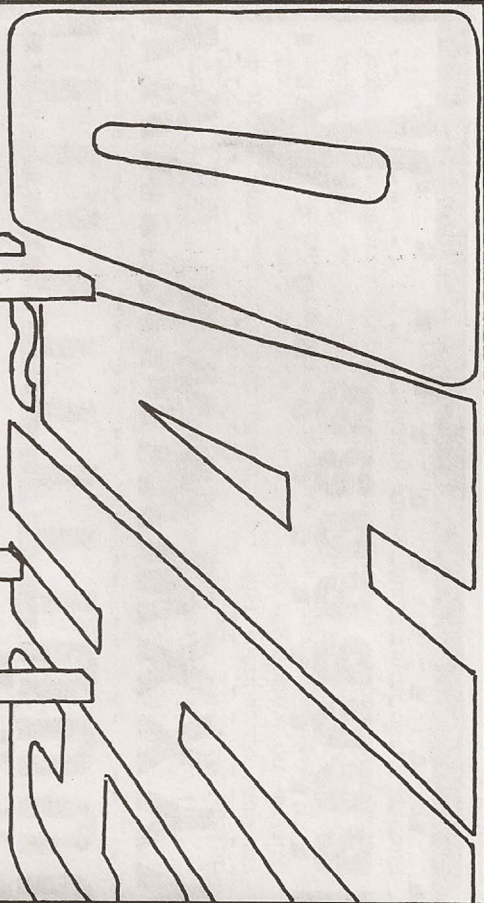
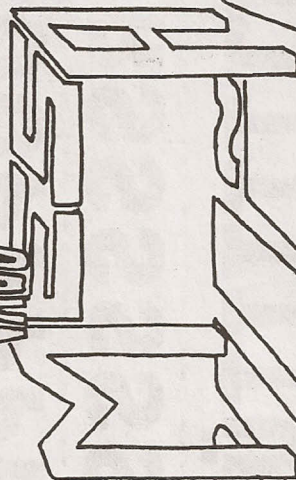
Note-se que os estados de ânimo variam facilmente e o bom filho sabe o que papai está pensando, até sem olhar para ele. Quando papai chega em casa não é bom dizer que, com a bola, quebrou a vidraça do vizinho. Uma hora depois, quando papai já desabafou o mau humor, mudou de voz, de cara e de roupa, a confissão pode ser feita com risco bem menor...

SE SÓ AS PALAVRAS TIVESSEM SIGNIFICADO...

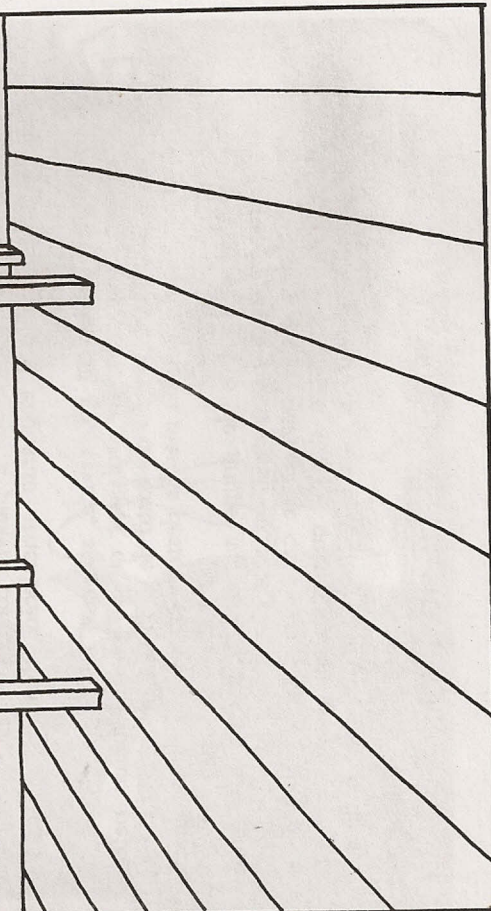
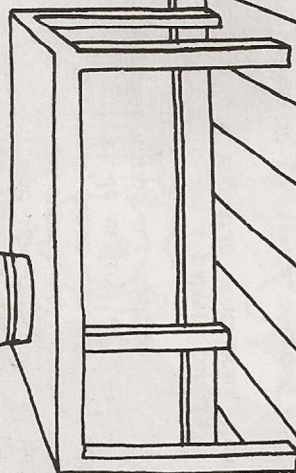
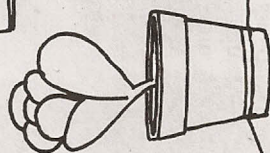
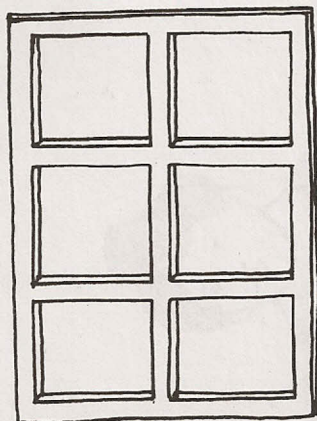
MUNDO DO ADULTO

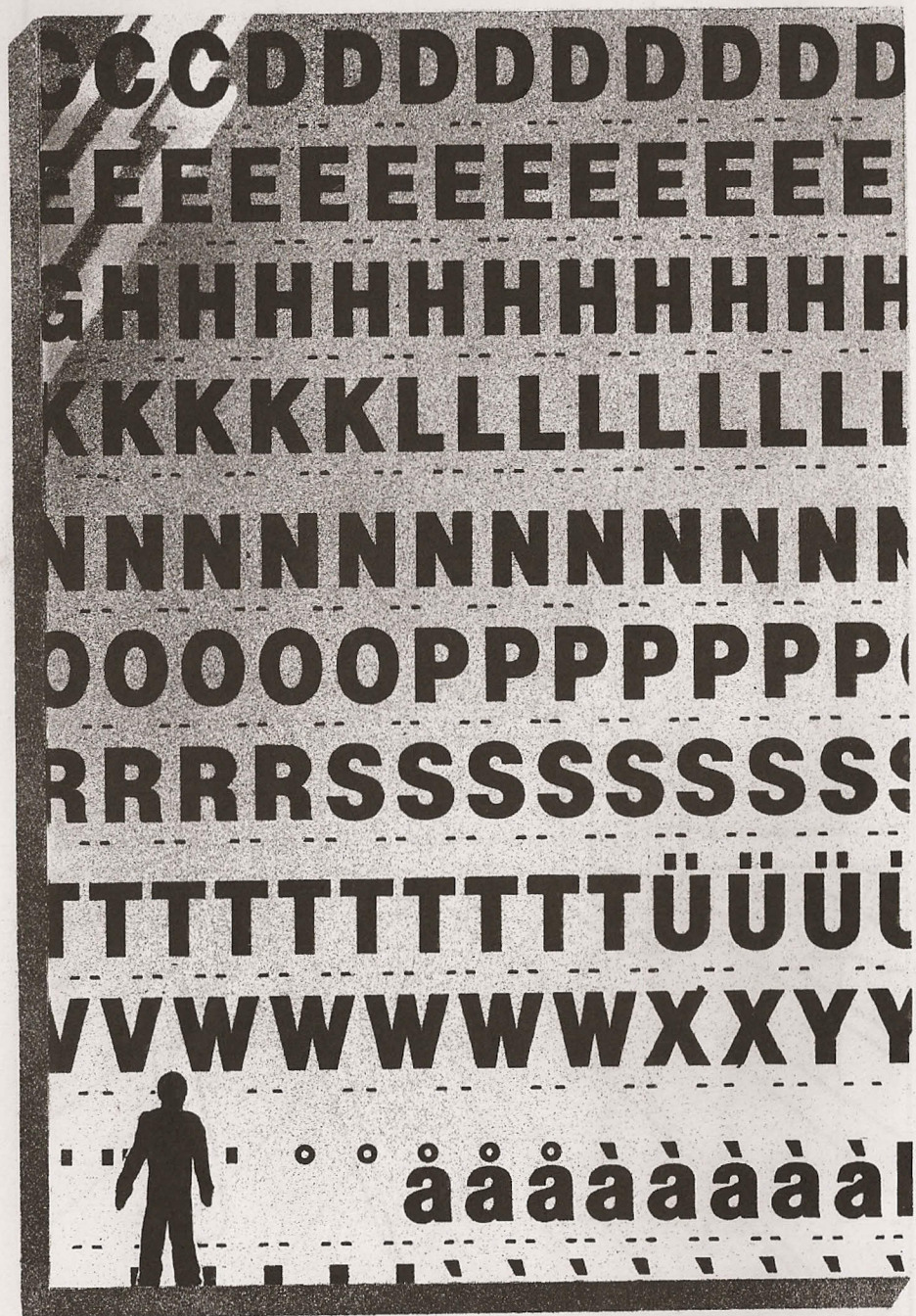
JANELA

Dr VASO



MUNDO DA CRIANÇA





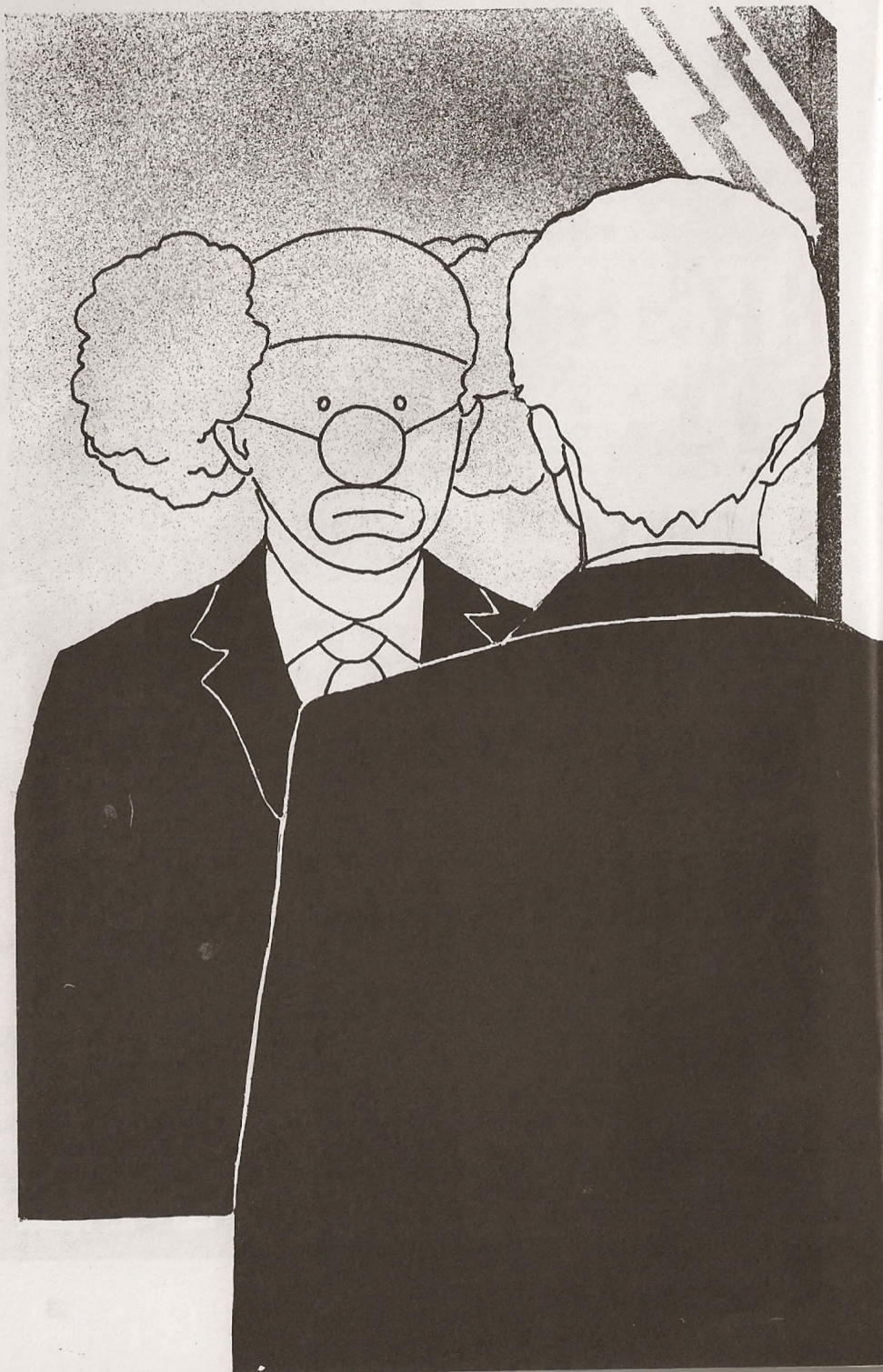
5. O VÍCIO DA PALAVRA

O vício da palavra, portanto, não é apenas congênito — é hereditário. Só se faz vício, realmente, lá pelos 8, 10 ou mais anos, época em que conseguimos falar de verdade, com fluência, empregando as palavras no sentido em que os adultos do nosso mundo as empregam.

É neste período que incorporamos um código geral de significados.

Antes disso, a palavra era uma porção de coisas, era exclamação, música, brinquedo, poema, meio de conseguir atenção de parecer inteligente, de impressionar gente grande.

Era tudo o que se queira, menos palavra.



6. O ESPELHO MÁGICO DA RAINHA

**Todos os espelhos são mágicos.
Mostram apenas o que queremos ver.**

PONHA UM ESPELHO
NO RETÂNGULO
EM BRANCO.

OLHE.

VOCE TEM REALMENTE
PRAZER EM CONHECER-SE?

CONVERSE
COM ELE.

PERGUNTE COMO
ELE SE CHAMA...

Quando olhamos para o espelho, fácil e inconscientemente *desfazemos* expressões que poderiam desdizer das que os outros vêem. Se prestássemos atenção àquela face, na certa estranharíamos: "Quem é?"

Mas ninguém faz isso. Já se viu alguém ficar se olhando, no espelho, apenas para se conhecer? *Que vergonha!* É coisa de esquizofrênico. Além disso é narcisismo! É indecente ficar olhando tanto tempo para si mesmo... Por isso olhamos pouco para o espelho. Quando olhamos, fazemos a cara que nos apraz ou vemos a cara que nos convém. Quando não, olhamos

para ver se a barba está comprida, se o cabelo está despenteado, se a pintura ficou como devia.

Sempre olhamos para o espelho com alguma intenção e, por isso, nada mais vemos fora desta intenção. A intenção é um *seletor* de estímulos. Por isso o espelho não serve para nos mostrar nossa face que, lembremos, é uma estranha face para nós.

O espelho não serve para descobrirmos o criminoso.

E a fotografia? Será que serve? Tomemos o álbum de retratos.

Quando vemos uma fotografia nossa, logo vamos dizendo:

"Não parece comigo. Não sei de quem é esta cara. Não sou fotogênico. Olha meu cabelo desarrumado! Que nariz feio que eu tenho. Isto é lá fotógrafo!"

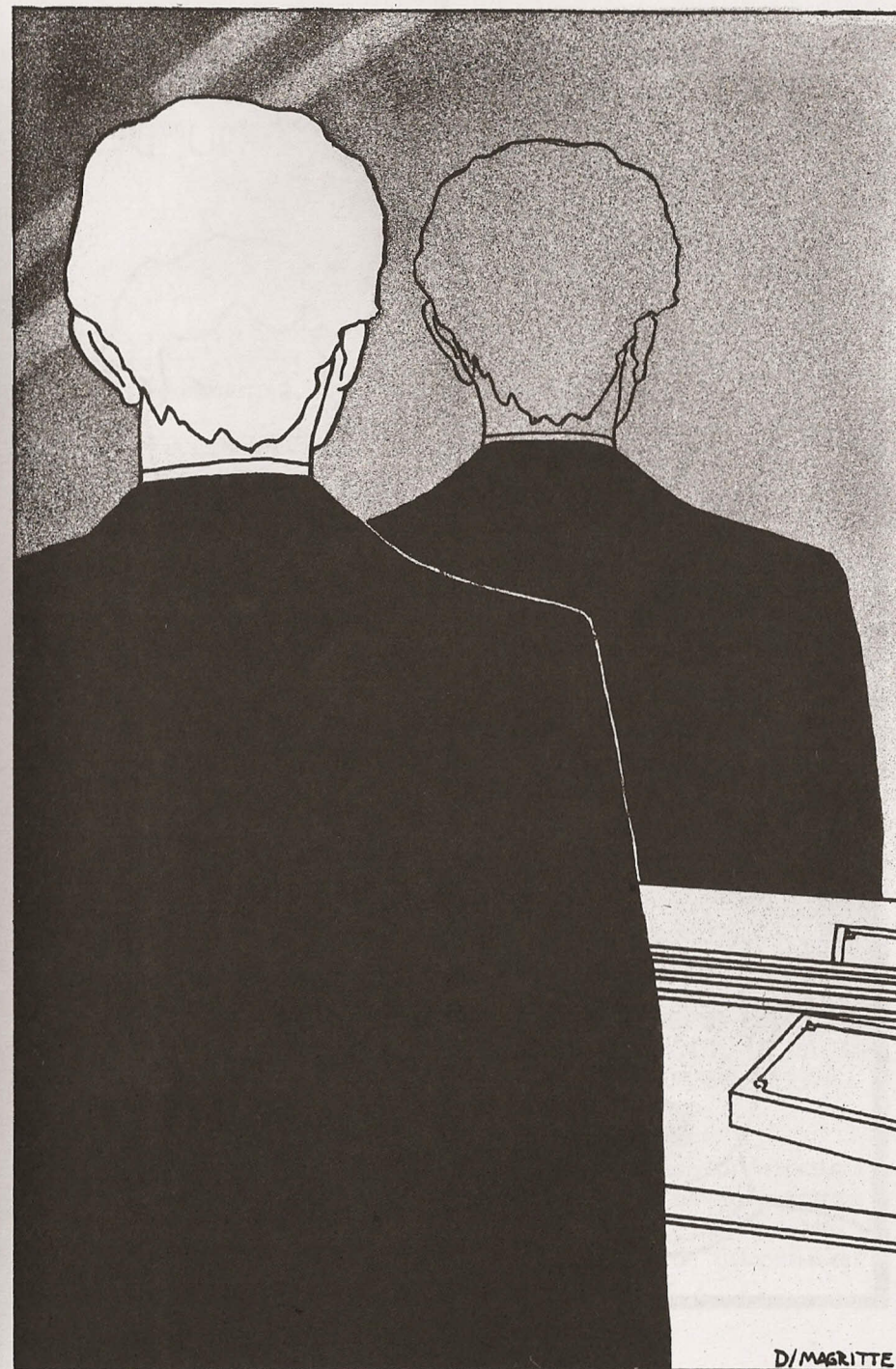
E a voz? Numa hora de brincado, gravamos a conversa das pessoas e a nossa também. Em seguida, ouvimos o gravador e continua o rosário:

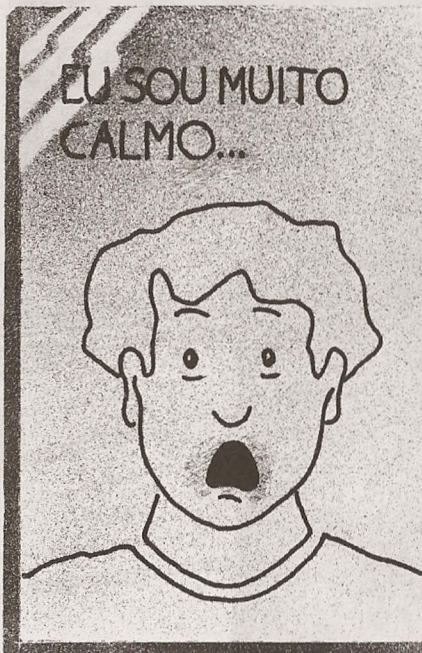
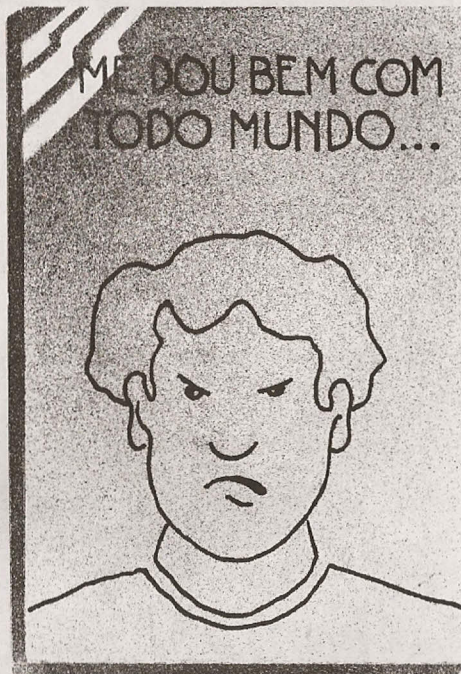
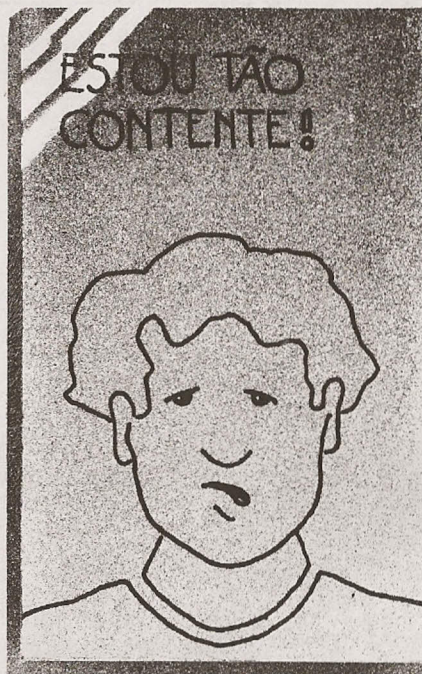
"Que voz esquisita! Minha voz não é assim. Nunca imaginei que minha voz fosse assim. Que voz feia, não gosto desta coisa. É assim que falo?"

Por fim, o acaso feliz ou um amigo rico nos permitem ver a nós mesmos numa película de cinema ou em vídeo-tape. Aí a coisa alcança níveis absurdos...

Nossa aparência pode, num instante, produzir em nós desvanecimento de complacência e, em outro momento, agudo sentimento de vergonha, de constrangimento ou de estranheza. Por isto evitamos todo *feedback*. Positivamente: não nos conhecemos

NEM POR FORA. E PRETENDEMOS CONHECER-NOS POR DENTRO. PIOR DO QUE ISSO: VIVEM TODOS CONVICTOS DE QUE O QUE APARECE POR FORA — AS APARÊNCIAS — NÃO TEM NADA A VER COM A PESSOA, NÃO É DELA, NEM É ELA! DE QUEM É, ENTÃO?





7. O ÍNTIMO ESTÁ POR FORA!

Depois de um encontro ou de uma conversa, sempre achamos que dissemos exatamente o que queríamos. Nove vezes em dez, esta convicção é redondamente falsa. Dissemos apenas “nossa opinião”, isto é

AS PALAVRAS QUE TÍNHAMOS EM MENTE.

Não cuidamos do gesto, nem do tom de voz, nem do olhar, nem de nada...

Sempre que temos que falar com alguém importante cuidamos um pouco destas coisas e então sentimo-nos mal, meio presos, meio atores. Este mal-estar é boa medida do que nos custa

TOMAR CONSCIÊNCIA

de nossa expressão não verbal.
As coisas pioram se considerarmos que a convicção de termos dito

“EXATAMENTE O QUE PENSAMOS”

é implícita, é uma certeza íntima que as pessoas nunca ou quase nunca põem em dúvida.

Por vezes, o interlocutor não ouviu uma palavra sequer. Fez dos olhos um vídeo-tape e nos fotografou por dentro pelos gestos.

ENQUANTO AS PESSOAS FALAM FACE-A-FACE, O GESTO E A VOZ DIZEM MAIS E DIFEREM MUITO DO QUE AS PALAVRAS ESTÃO AFIRMANDO — E DO QUE A PESSOA CONSIDERA SUA INTENÇÃO.

O mal-entendido se faz irremediável, porque se mostrarmos às pessoas o jeito com que elas falam ou gesticulam, podemos ter quase certeza de fazer inimigos. “Sua voz era prepotente”, “seu olhar era duro”, “seu sorriso era de pouco caso”, “seu olhar era de desconfiança” são pequenas frases que podem iniciar uma guerra.



8. CORPO E ALMA

Por que as coisas se passam assim?

Por que a palavra é tão boa para disfarçar?

Porque queremos crer, porque precisamos crer, que não mostramos aquilo que não fica bem, que não é elegante, que é mau ou que é feio. Esta divergência entre o que eu acredito estar mostrando e o que o outro vê, gerou uma das dicotomias mais falsas e mais patéticas de toda a história do pensamento humano — a noção do corpo e alma:

ALMA É AQUILO QUE EU
ACHO QUE ESTOU MOSTRANDO.

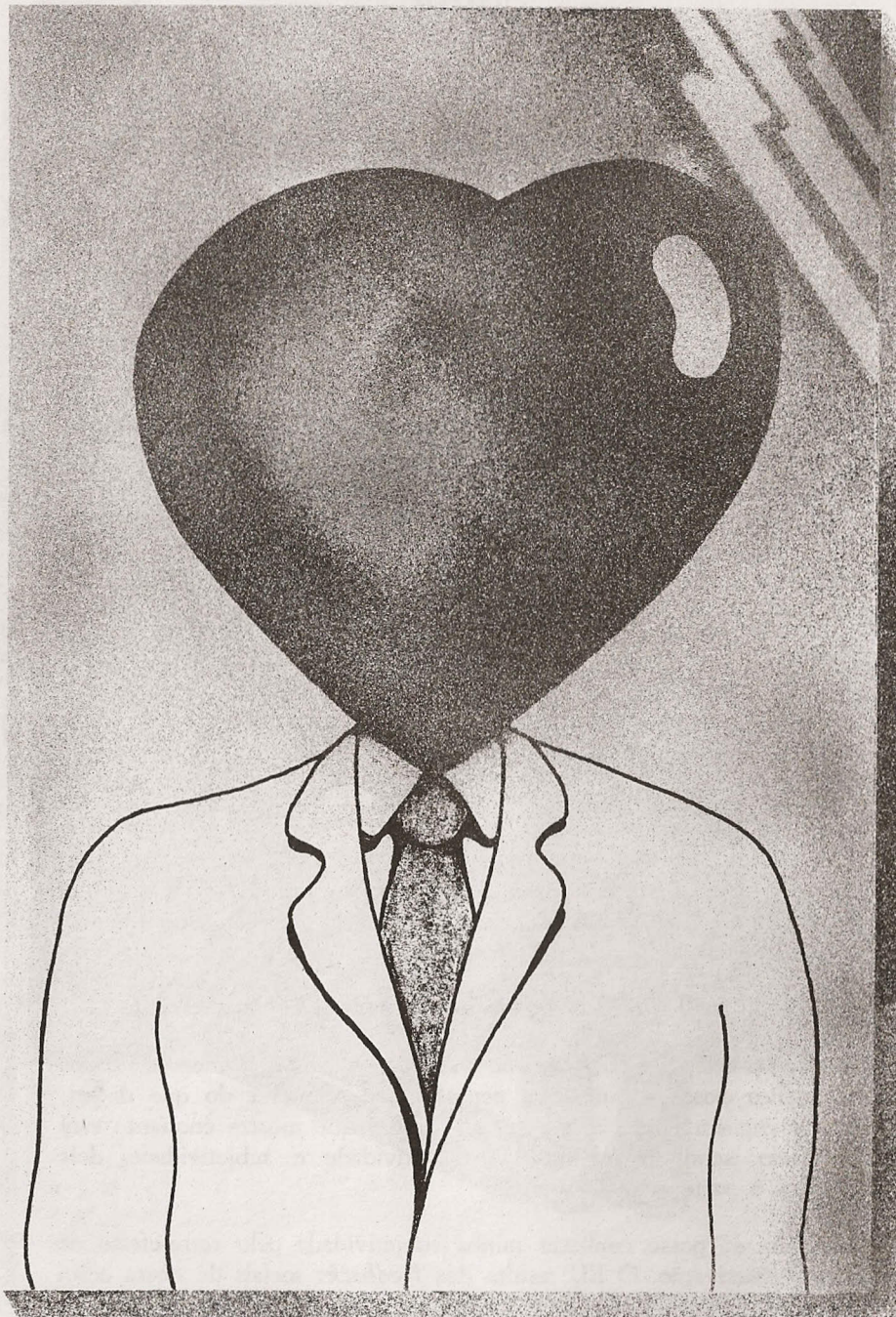
CORPO É AQUILO QUE
O OUTRO VÊ DE MIM.

Quase sempre há entre as duas divergência tão acentuada que só pode ser “explicada”, *logicamente*, pela existência de *duas coisas*, diferentes “por natureza” e discordantes na intenção: *corpo* e *alma*, precisamente.

Em termos modernos falamos de *objetividade* e de *subjetividade*.

A distinção continua válida; na verdade, continua a mesma. Todos são muito ciosos daquilo que pensam, que sentem e do que dizem; quase ninguém tem a menor noção daquilo que mostra enquanto está pensando, sentindo ou dizendo: objetividade e subjetividade, dois mundos à parte!

Contudo, só posso conhecer minha subjetividade pelo retro-efeito de minha objetivação. O EU resulta dos *feedbacks* sociais de nossa ação.



9. QUEM VÊ CARA VÊ CORAÇÃO?

Vê. Vê muito bem. Basta olhar.

Cara é o corpo e coração é o íntimo.

Alguns sinônimos nos auxiliarão. Nos romances fala-se do *íntimo*; nos textos de filosofia existencial, do *inefável*, do *profundo*; nos textos de psicanálise fala-se do *inconsciente*, também tido como profundo, misterioso e mágico.

O corpo, a face e o gesto são sempre minimizados como se fossem propriedade exclusiva de mímicos, de palhaços ou de atores, alguma coisa subalterna, ligeiramente cômica e, acima de tudo, alguma coisa com a qual *eu faço o que eu quero*.

Nada mais falso do que esta convicção.

AS PESSOAS TÊM CONTROLE PRECARÍSSIMO DAS SUAS EXPRESSÕES NÃO VERBAIS. QUASE NINGUÉM PERCEBE OS MOVIMENTOS QUE FAZ NEM AS EXPRESSÕES QUE TEM NA FACE. NINGUÉM ACHA IMPORTANTE CONHECER O PRÓPRIO ROSTO E NINGUÉM SE DÁ CONTA DA IMPORTÂNCIA DESTAS COISAS. MAS PARA O OUTRO NOSSA FACE É SEMPRE MUITO IMPORTANTE! É PARA ELA QUE ELE OLHA O TEMPO TODO.

Os limites desta situação tragicômica podem ser encontrados na psicanálise. Pretende ela investigar as profundezas do ser humano e a primeira coisa que faz, a fim de realizar este propósito, é afastar deliberadamente os olhos daquilo que está aí — o pobre corpo de sempre! *As profundezas do ser humano são aquilo que transparece nas palavras* — nem mais nem menos. Este o princípio *prático* da psicanálise. *As palavras são o espelho do SER!*
Nas palavras humanas existe

A letra comunica muito do processo intelectual e a música comunica muito do processo emocional. Mas a palavra continua e continuará para todo o sempre sendo apenas parte do homem. Se não olharmos para seu corpo, certamente, não o veremos, nem saberemos como é este homem. Além disso, sem ver a face e o corpo, nem sequer podemos compreender bem o que a pessoa está dizendo, pois é de forma instintiva que captamos o sentido da palavra pelo modo (e a situação) como a palavra é dita.

Enfaixemos o corpo e a alma emudece.

Aqui é importante assinalar o fato de uma ciência tão nova, ainda com grande prestígio, nascida do desejo idealista de compreender bem o homem inteiro, acabar engolida pelo preconceito milenar de corpo e alma... Também para o psicanalista, *a alma é aquilo que se ouve através da palavra, e o corpo é aquilo que não importa muito.*

PERFEITO ASCETA, AMANTE DO ESPÍRITO E CHEIO DE DESPREZO PELA CARNE...

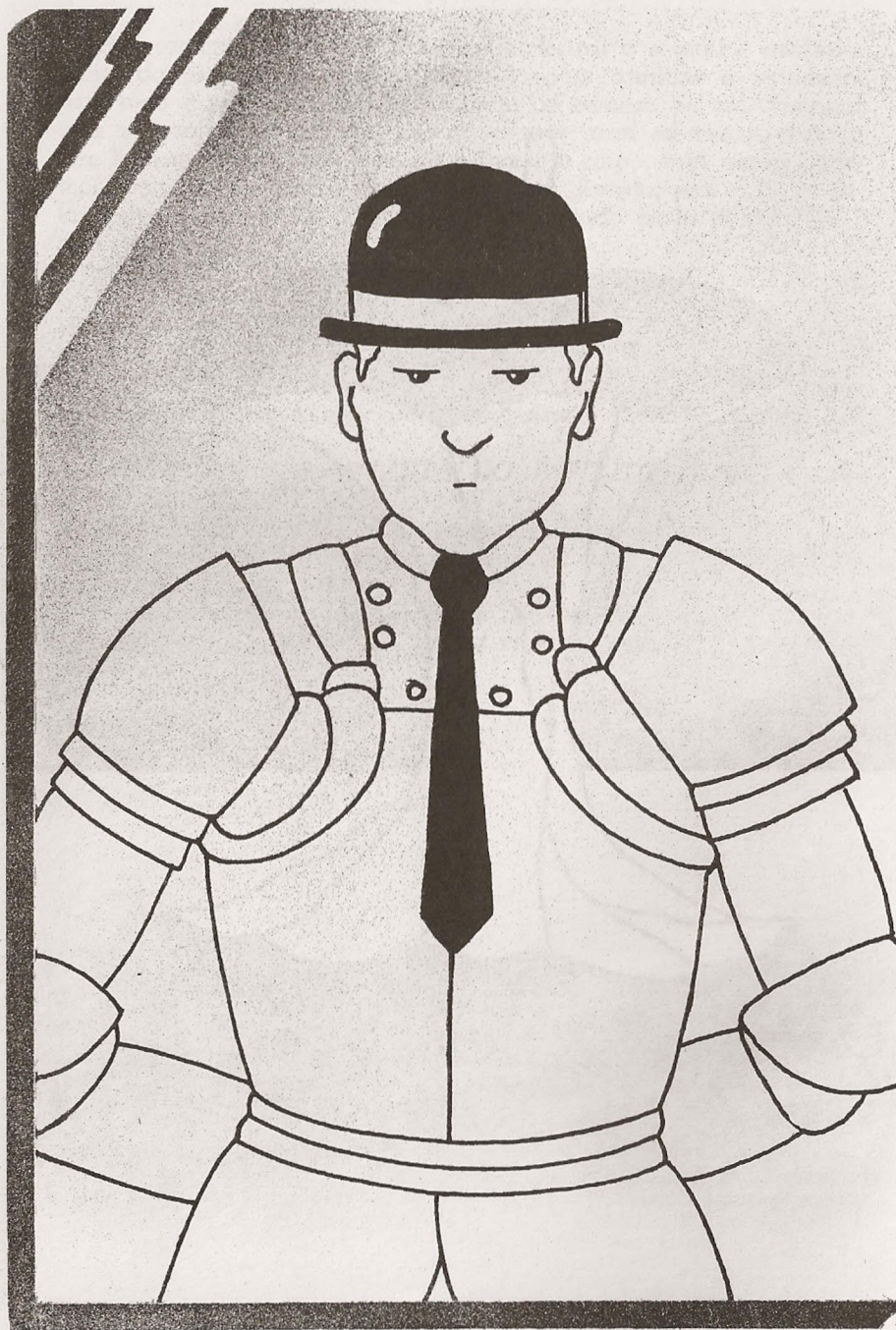
Quando movimento social da envergadura da psicanálise embarca em omissão desta grandeza, podemos suspeitar de que o preconceito correspondente é deveras profundo, significativo e atuante.

Por que o homem não quer saber de seu corpo?

Por que não quer se ver sequer no espelho? Quem transformou o corpo em

PECADO?





10. O INCONSCIENTE VISÍVEL (REICH)

CONTUDO — SE BEM OLHARMOS —,
TODOS ESTAMOS NUS, NA VOZ,
NO GESTO,
NO ROSTO, NAS MÃOS,
NA POSTURA, NO OLHAR...

Reich aprendeu a ver e ensinou a ver.

Ele pôde mostrar que nós escondemos pouco e nada de nossos sentimentos e intenções. Nossos sentimentos alteram nossas expressões e nossos gestos, ou provocam em nós esforços destinados a contê-los, controlá-los, escondê-los. *Para quem tem olhos de ver, todos estão NUS.*

DE QUALQUER MODO, OU VEMOS O QUE A PESSOA SENTE, OU PERCEBEMOS O QUE ELA ESTÁ PRETENDENDO ESCONDER. COM ALGUMA PRÁTICA, PERCEBEMOS COM CLAREZA SUA MANEIRA DE ESCONDER AS COISAS — O QUE, AFINAL, É UM MODO DE REVELAR-SE.

Quer isso dizer que todas as pessoas vivem sempre cheias de más intenções *que escondem a todo instante?*

NOSSO INTERIOR SERÁ UMA LATA DE LIXO?

(Lida ingenuamente a Psicanálise nos diz que sim...)

Convém aprender a distinguir nas pessoas as atitudes estáveis e as atitudes que surgem; igualmente, convém distinguir os gestos estereotipados, sempre os mesmos, muito característicos da pessoa, e os gestos espontâneos que aparecem ou que nascem aqui e agora.

Com um pouco de prática a distinção não é muito difícil. Quase tudo o que é estável ou estereotipado desperta pouca ou nenhuma ressonância no observador atento; aparece como formalismo, hábito, rotina.

Mas é preciso cuidado nestas coisas: se o observador atento, apesar de atento é ele também rotineiro ou formal, poderá achar o outro muito espontâneo e autêntico!

Ainda, se vejo alguém pela primeira vez, vejo-o como novidade. Só ao reencontrá-lo ou ao conviver com ele vou percebendo o quanto ele se repete.

Quando se fala de pessoas que observam ou são observadas, convém não embarcar na ilusão de que o observador, pelo fato de ser observador, está isento de si mesmo.

Ninguém está isento de si mesmo e só podemos ver o outro através dos nossos olhos e dentro de nossa perspectiva.

Vemos o mundo com nossa experiência. Isto é irremediável.

Reich mostrou ainda, com cuidado e precisão, que as atitudes mais estáveis das pessoas e seus gestos estereotipados são verdadeiro resumo da história vivida por elas.

Quem teve pai despótico desenvolve atitudes crônicas ou de rebeldia ou de submissão. Quem vem a cruzar com esta pessoa já adulta, ao vê-la submissa saberá da sua história — *sem palavras*.

Quem teve mãe instável, cheia de repentes amorosos e agressivos, pode desenvolvêr modos de borboleta que adeja sempre e nunca pausa. O modo de ser contém em si a história de sua origem. Ao ver o modo podemos compreender a pessoa. Basta olhar. Olhar bem.

Reich denominou ao conjunto destes elementos estáveis da expressão não verbal de "couraça muscular do caráter". Couraça porque protege, defende, esconde (e revela). Muscular porque feita ou constituída de conjuntos de tensões musculares cronicamente mantidas. Do caráter, porque compõe o jeito da pessoa, porque são características da pessoa e porque influem em tudo o que a pessoa faz, pensa, sente, e diz.

MAS SE MOSTRO O QUE SOU, COMO SOU, O QUE SINTO E O QUE VIVI, ENTÃO, MEU "ÍNTIMO" ESTÁ POR FORA! MEU CORPO É MINHA ALMA. POR ISSO NÃO QUERO SABER DE MEU CORPO. PORQUE ELE É EU. PORQUE ELE É MUITO MAIS DO QUE EU... SE O CORPO NÃO FOR MEU, DE QUEM SERÁ?

Tem mais — do mesmo.

Todo mundo sabe o que significa IDENTIFICAÇÃO com pai, mãe, herói de cinema, coitadinho, machão, etc...

Todo mundo sabe, porque identificação a gente vê, no jeito, no gesto, na cara, "é como o pai", "ela está querendo ser a Brigitte", "você sempre se faz de vítima"...

A identificação não é um "mecanismo neurótico profundo", nem "complexo inconsciente", que só se evidencia com análise de 5 anos.

A identificação "está na cara".

Basta ver.

Mas para ver — note-se — é preciso olhar...

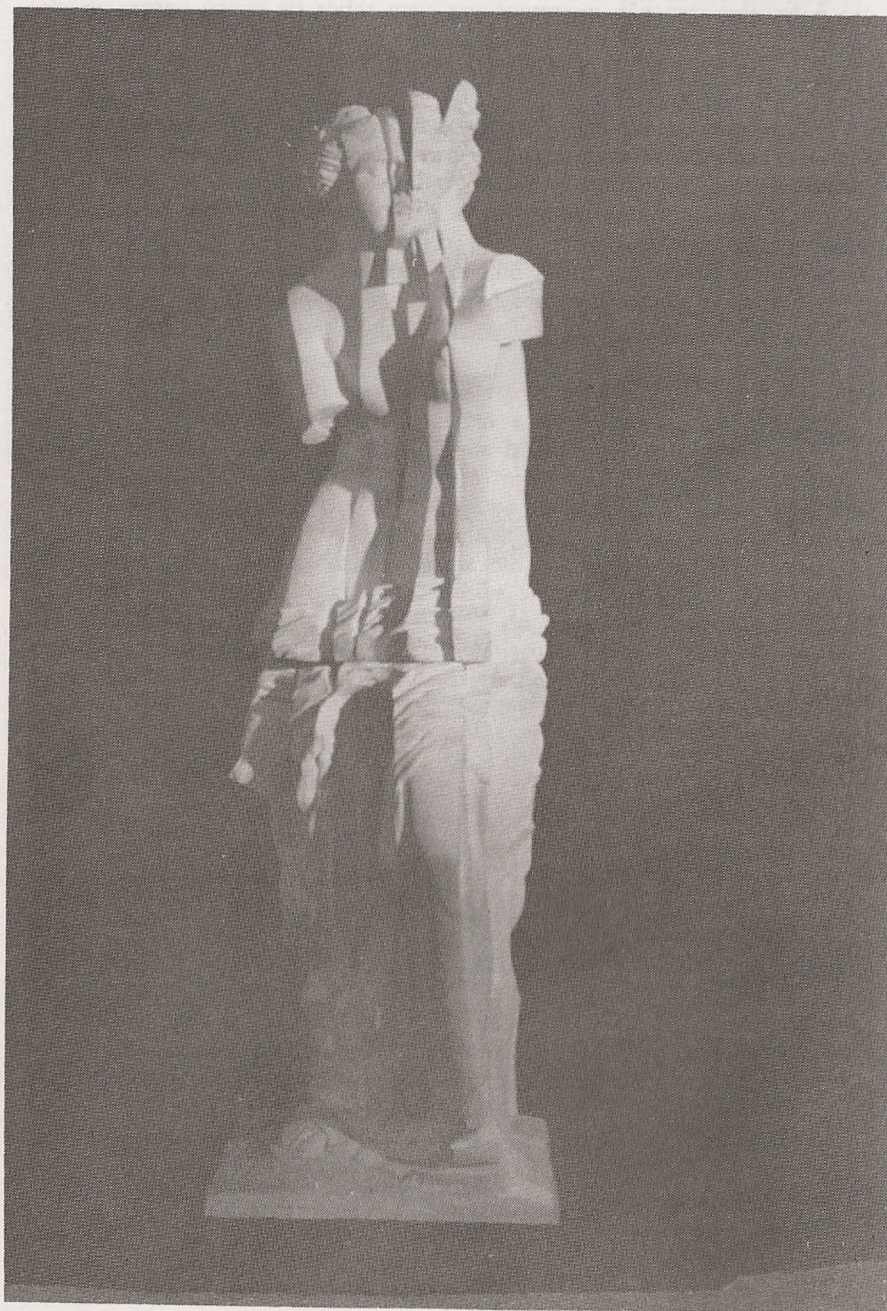
Então, de novo: nossos complexos e recalques estão POR FORA, no jeito. Por isso não queremos ver nem saber de nosso jeito:

PARA NÃO VER NOSSO ÍNTIMO!

Porque nosso aspecto exterior é retrato acabado de nosso íntimo, ele se mostra quase sempre com contradições. Posso, em certo momento, sorrir amistosamente enquanto olho ao outro com dureza. Meu gesto de mão pode ir até o outro enquanto faço um movimento de afastamento com o corpo. Posso olhar alguém nos olhos, direta e francamente, enquanto meus ombros estão apertados (de medo) e minhas pernas se plantam no chão com força (preparação para o ataque).



PARA A PESSOA FORMAL O FORMALISMO É MUITO ESPONTÂNEO...



11. HAMLET E A PERPLEXIDADE

Digamos que temos algum negócio, um passeio, um amor, uma briga ou simplesmente uma conversa com uma pessoa. Digamos também que, no momento do encontro, ou poucos instantes depois, nos damos conta das várias expressões da pessoa, e nos apercebemos das várias intenções contidas em sua posição e no seu modo de gesticular.

Que faremos? Que faremos se os olhos suplicam e se a boca despreza?

Que faremos se os olhos desafiam, se os ombros estão espremidos de medo e se o punho da mão direita se fecha com força — como se pronto para um muro?

QUE FAREMOS SE A PESSOA NOS CONTA SUA ÚLTIMA DESGRAÇA COM UM TOM DE VOZ CHOROSO DE VÍTIMA. SE SEUS OLHOS NOS OBSERVAM COM DESCONFIANÇA, SE SEUS LÁBIOS NOS AFRONTAM COM UM VAGO SORRISO ZOMBETEIRO, SE SEU PEITO INFLADO E A DIREÇÃO DA FACE — QUE NOS OLHA DE CIMA PARA BAIXO — LEMBRAM UM ORGULHOSO, SE O SEU OMBRO ESQUERDO FOGE LIGEIRAMENTE NUM MOVIMENTO DE ACANHAMENTO. A QUAIS E A QUANTAS DESTAS INTENÇÕES IREMOS RESPONDER?

Faremos exatamente o que faz o estrábico quando vê dois mundos:

SUPRIME UM DELES.

Se não fizesse assim o estrábico não conseguiria se mover.
Nem nós.

Ninguém sabe como o cérebro, a mente, a consciência ou seja lá o que for, consegue suprimir metade ou mais das coisas que percebemos.

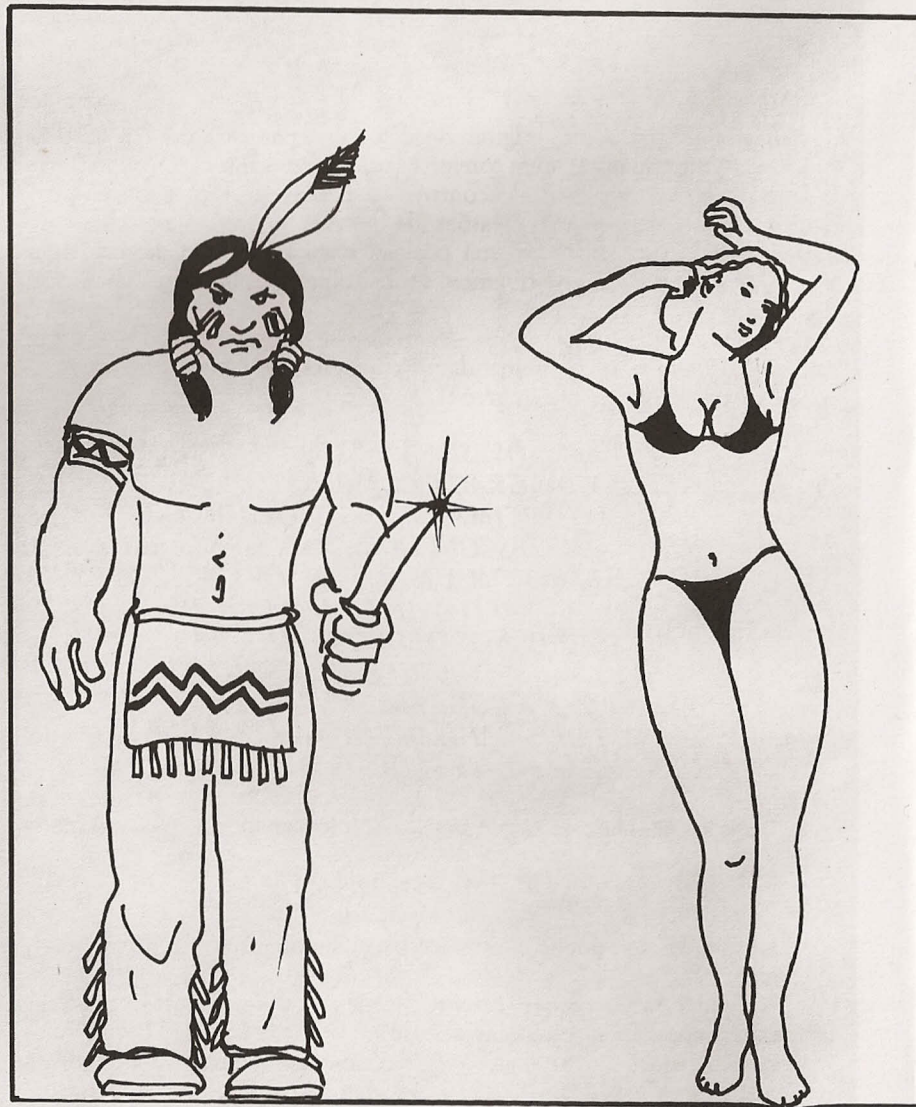
Não sabemos como, mas o fato é muito evidente, respondendo pela alienação de todos. Todos estão alienados de algumas coisas ou de algum modo.

Como nos será dado compor uma resposta que responda simultânea e adequadamente a solicitações tão discordantes?

É muito difícil estar engajado inteiro no aqui e no agora, percebendo “tudo o que há para perceber” (Chardin)

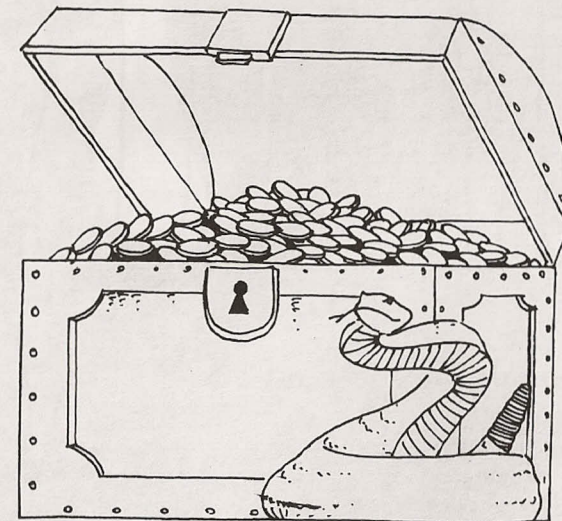
Só os iluminados o conseguem — às vezes.

Todos os demais suprimem alguns ou muitos aspectos das coisas. Diante de tantas intenções contraditórias, podemos ser levados



a sentir — não sei porque — que a pessoa é simpática, nos condemos da sua desgraça e ouvimos suas queixas. Neste caso concluiremos que a pessoa é uma boa pessoa e tê-la-emos na conta de nossa amiga. Mas também podemos — não sei porque — nos deter mais em todas as intenções desagradáveis expressas em seu corpo, concluindo que a pessoa é insuportável e que é nossa inimiga.

O QUE VOCE FARIA
SE CAISSE DE REPENTE
DENTRO DESTA
QUADRO?



Claro e evidente
que faremos
assim.

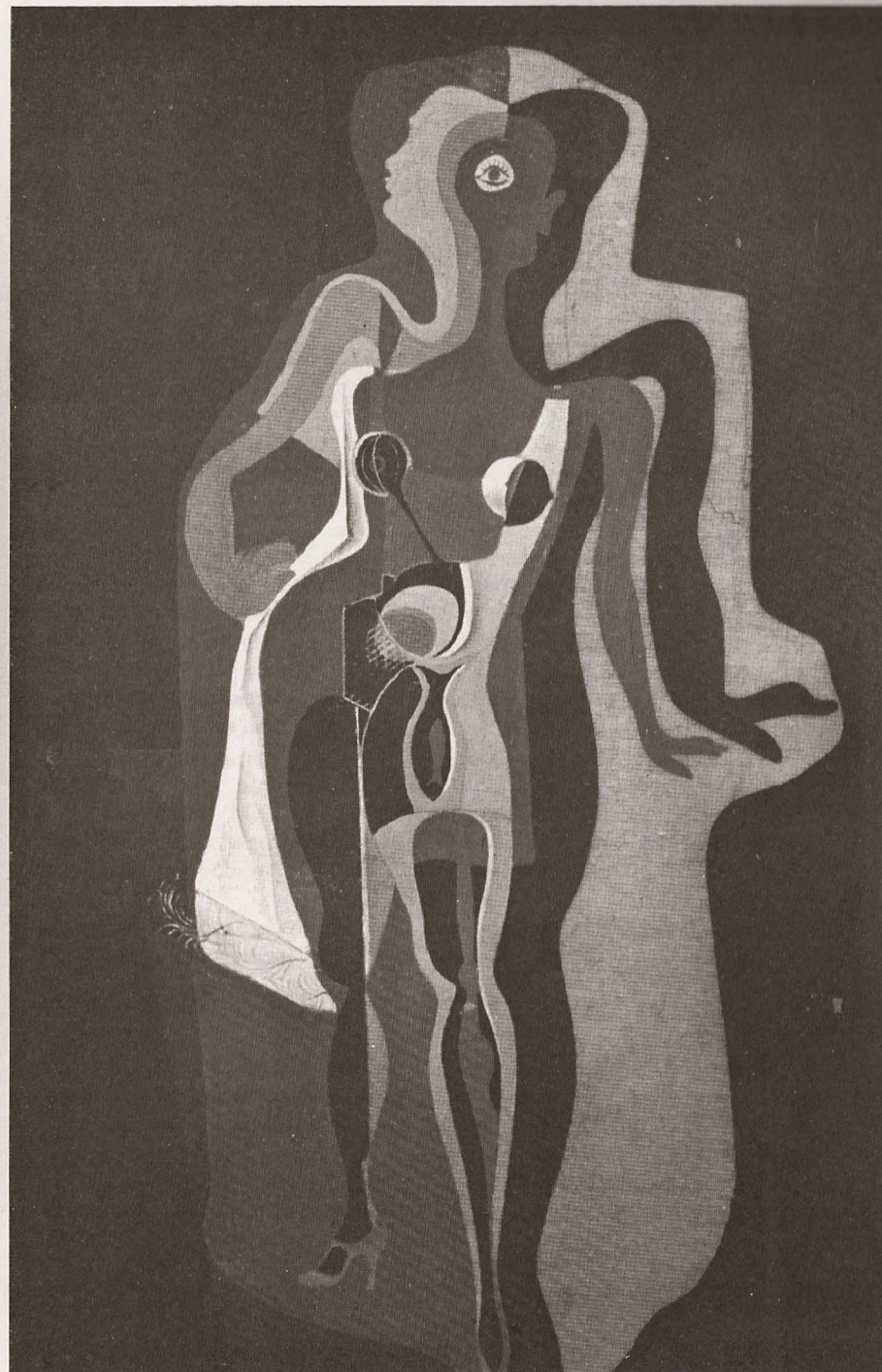
**DIVIDIREMOS A PESSOA TRANQUILAMENTE AO MEIO
E NO MESMO ATO NOS DIVIDIREMOS AO MEIO.**



Responderemos de metade a metade.

Se ela for nossa amiga — se não sei como, nem porque, decidirmos que ela é nossa amiga — responderemos como amigo e a acharemos boa, talvez trágica, nobre, heróica.

Caso contrário, achá-la-emos aborrecida, enfadonha, chantagista e outras coisas assim.





12. LEI DA DESGRAÇA IRREMEDIÁVEL

C. G. Jung viveu para demonstrar esta verdade: o inconsciente funciona sempre complementando a percepção consciente, e compensando as deformações de valor e significado de que a consciência sofre — ou que nos são impostas pela educação e pelas circunstâncias.

Quanto melhor percebo o outro, mais confuso fico.

Quanto mais aceito ver aquilo que meus olhos estão vendo e aquilo que meus ouvidos estão ouvindo, mais me dou conta de quanto são contrárias, inclusive contraditórias, as expectativas do outro em relação a mim.

Ficamos perplexos não só por perceber tantas coisas difíceis de conciliar, como também porque elas despertam coisas análogas em nós, e nós não sabemos o que fazer conosco mesmos.

A regra, como vimos, é a alienação, a negação de uma parte, a desvalorização ou a alteração do sentido daquilo que percebemos. Simultaneamente, apreendemos ou criamos um sentido relativamente falso para o momento, baseados apenas naquilo que nos permitimos perceber.

O sentido é necessariamente falso, porque lida com dados *tornados insuficientes* por alguma espécie de deliberação — ou de inibição.

Em algum lugar de nós mesmos, porém, subsiste outra visão do momento, com outra organização, igualmente parcial. Seu sentido é *complementar* em relação à apreciação consciente do encontro — ou do outro.

Ao ceder à alienação nós eternizamos o desentendimento. Ele continua a existir mas,

À LUZ DE TUDO AQUILO QUE PERCEBEMOS COM CLAREZA,

não podemos compreendê-lo. O desentendimento ocorre naquilo que estamos negando, nas áreas que, por hipótese de alienação, não existem ou não têm importância. O desentendimento não tem causa suficiente.

Concluimos o óbvio: o outro é muito esquisito, muito incompreensível, louco, irracional, incoerente.

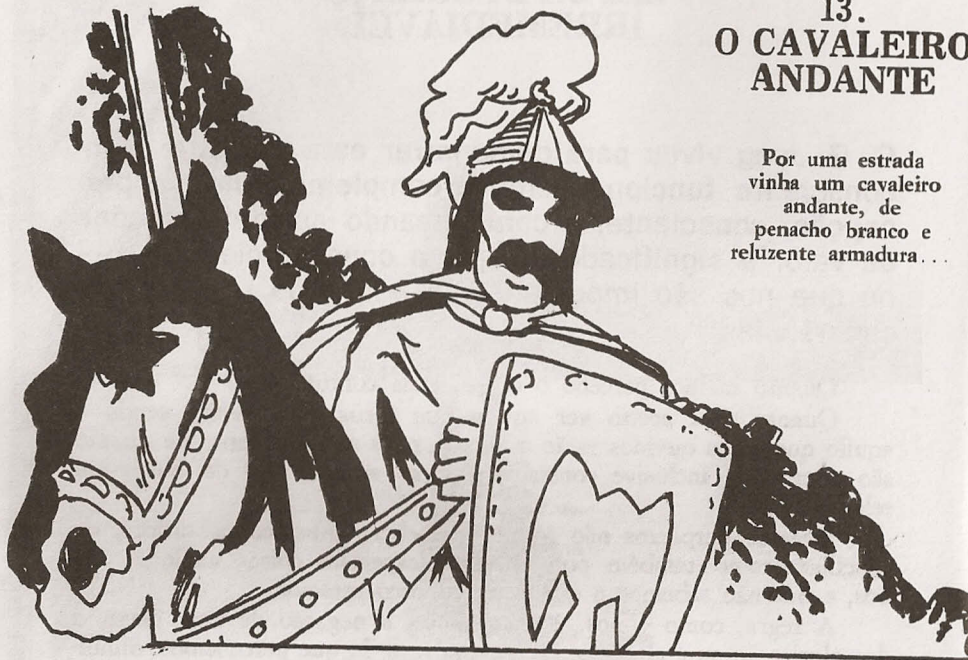
A culpa é dele — evidentemente.

A tragédia é esta: “ele” pensa exatamente o mesmo!

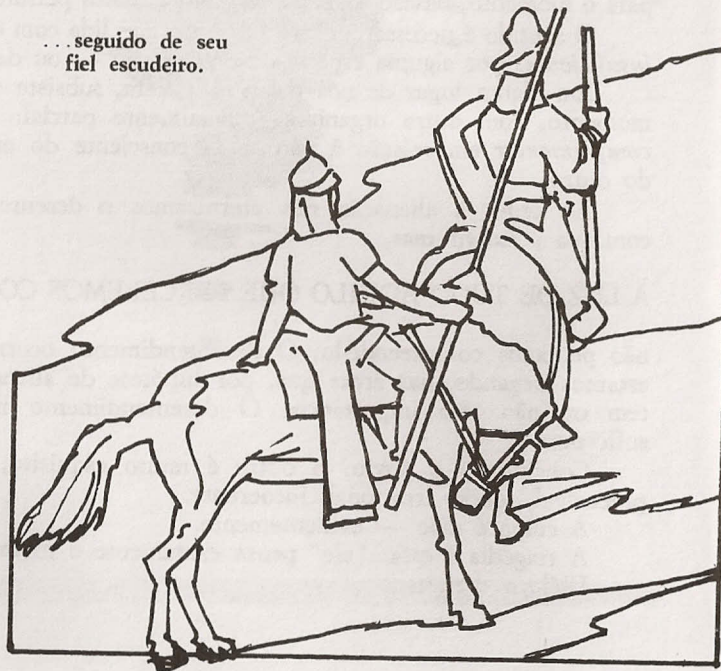
Diálogo desumano...

13. O CAVALEIRO ANDANTE

Por uma estrada
vinha um cavaleiro
andante, de
penacho branco e
reluzente armadura...



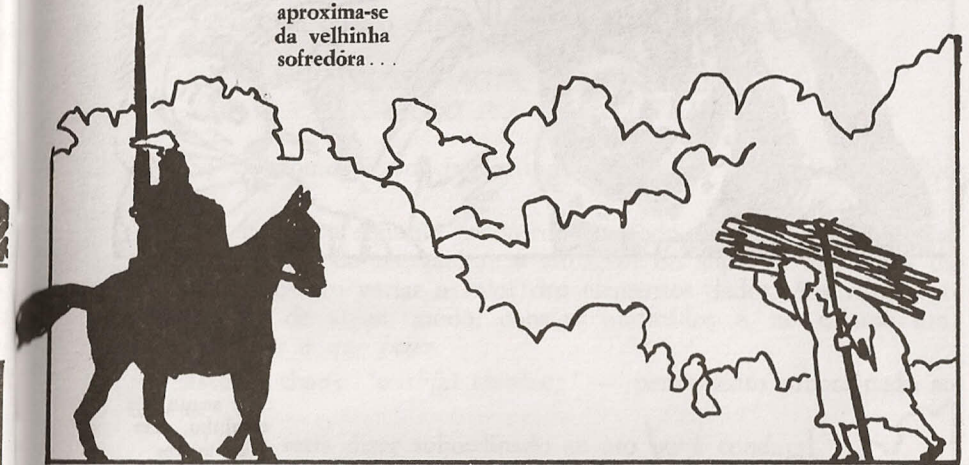
...seguido de seu
fiel escudeiro.



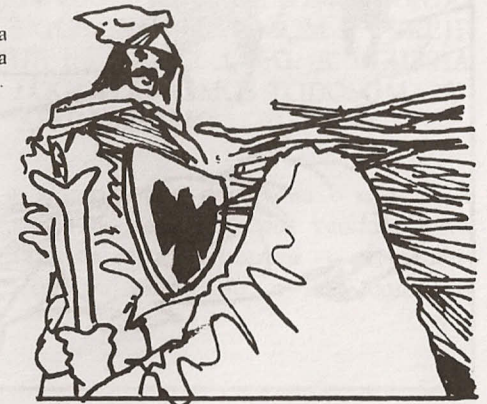
Pela estrada ia também
uma pobre velhinha
com um enorme
feixe de lenha
nas costas



O cavaleiro
aproxima-se
da velhinha
sofredora...



contempla-a
do alto de sua
magnificência...





sem a menor
hesitação, sem a
menor cerimônia,
aplica-lhe um
violento pontapé
na cara...



...e segue seu
caminho, sem
ao menos
olhar para trás.

No início, como você viu, insinuou-se a presença de um herói; no momento do pontapé, sentimos todos que perdemos o chão sob os pés... Esta comparação não é apenas literária. Creio que ela é literal.

A verdade é que ao ver o cavaleiro andante nós todos armamos, subconscientemente, alguma espécie de atitude de admiração pelo herói, de identificação com ele, de participação no seu garbo ou na sua coragem. No momento do pontapé, damos-nos conta, subitamente, de que este mocinho não é o mocinho, mas o bandido.

Impõe-se a todos rápida mudança de atitude, e é precisamente esta mudança que nos traz a sensação de que o chão nos foge sob os pés. Temos que mudar rapidamente de posição, porque toda a cena visual e todas as intenções da cena mudaram abruptamente.

Vê-se, pelo exemplo, o quanto intervém, no diálogo e na interação humana, o jogo de atitudes opostas, contrárias, ou apenas diferentes.

Vê-se bem qual o critério que organiza a percepção:

NÃO POSSO AGIR COMO MOCINHO E BANDIDO AO MESMO TEMPO.

Se o momento solicita atitudes ou ações contraditórias, fico confuso.

No momento seguinte encontro um modo, *qualquer que ele seja*, de recompor ou de reorganizar a situação: ou suprimo elementos da percepção, ou faço variar o valor dos elementos dados. Assim consigo equilibrá-los de algum modo, consigo unificá-los e, no mesmo ato, *passo a saber o que fazer*.

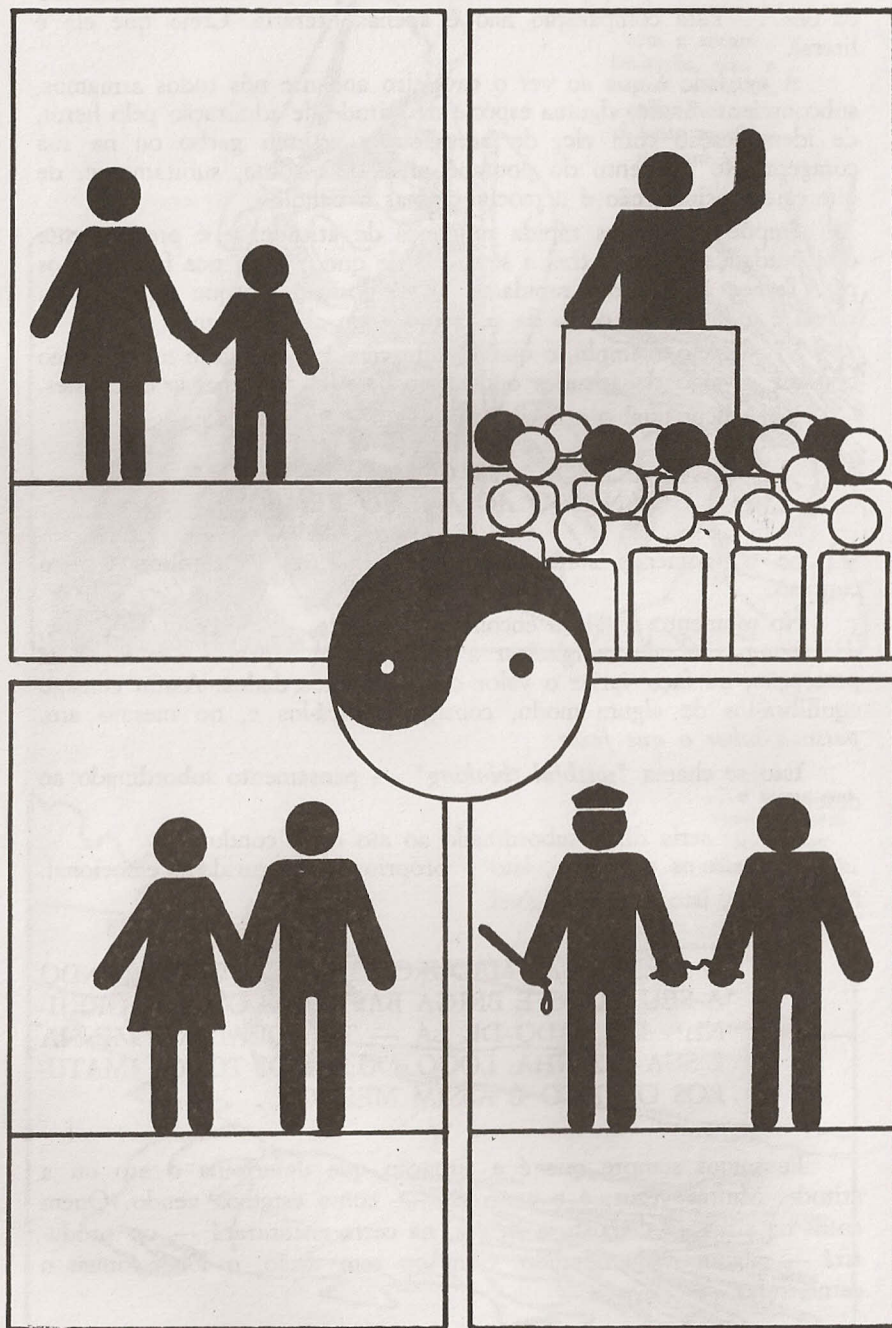
Isto se chama "*wishful thinking*" — pensamento subordinado ao desejo.

Melhor seria dizer subordinado ao ato ou à conduta.

Segundo os cientistas, isto é próprio da imaturidade emocional. Na verdade, isto é irremediável.

O CIENTISTA "MADURO" TAMBÉM VÊ O MUNDO
A SEU MODO E BRIGA BASTANTE COM A IGREJI-
NHA DO LADO DE LÁ — TAL QUAL A VIZINHA
E SUA VIZINHA. LOGO, OU SOMOS TODOS IMATU-
ROS OU ISTO É ASSIM MESMO...

Pensamos sempre que é a situação que determina o ato ou a atitude. Muitas vezes, é o contrário — como estamos vendo. Quem entra na situação disposto a brigar, na certa encontrará — ou produzirá — algum mal-entendido. Com ou sem razão, o lobo comeu o carneirinho...



14. MORENO, O PSICODRAMA E OS PAPÉIS COMPLEMENTARES

Moreno é o criador do Psicodrama.

Define com precisão um papel: é uma unidade, culturalmente aceita, de comportamento. Pai e filho, marido e mulher, patrão e operário, amigo e amiga, namorado e namorada são alguns exemplos dos muitos papéis que a sociedade ao mesmo tempo permite, cultiva e exige.

AINDA COM PRECISÃO, MORENO CHAMA A ESTES PAPÉIS DE COMPLEMENTARES, O QUE SÃO DE FATO, EM VÁRIOS SENTIDOS: UM COMPLEMENTA O OUTRO, QUASE COMO MOLDES QUE SE ENCAIXAM. UM NÃO TEM SENTIDO SEM O OUTRO. UM ESTIMULA O OUTRO. UM FORMA O OUTRO. NÃO HÁ PAI SEM FILHO. MÉDICO SEM CLIENTE. PA-DRE SEM "FIÉIS".

Todos os papéis são, obviamente, parciais, exigindo, se podemos dizê-lo, em termos numéricos, o empenho de apenas metade da pessoa. Os dois papéis formam *uma* unidade. Logo, cada um deles

é metade do outro:

marido mulher.

Variando as circunstâncias, a idade, a companhia, a que hoje é filha amanhã será mãe, aquele que hoje é empregado amanhã poderá ser patrão, aquele que hoje domina amanhã poderá ter que submeter-se. Na verdade, a divisão é mais sutil do que esta: o indivíduo que é patrão e dominador no seu trabalho, pode ser em casa, diante da esposa tirânica ou de uma filha mimada, um escravo *dócil e submisso*.

Parece claro que nestes termos cada papel é apenas uma pequena manifestação da individualidade. Esta subjaz e ultrapassa a todos eles.

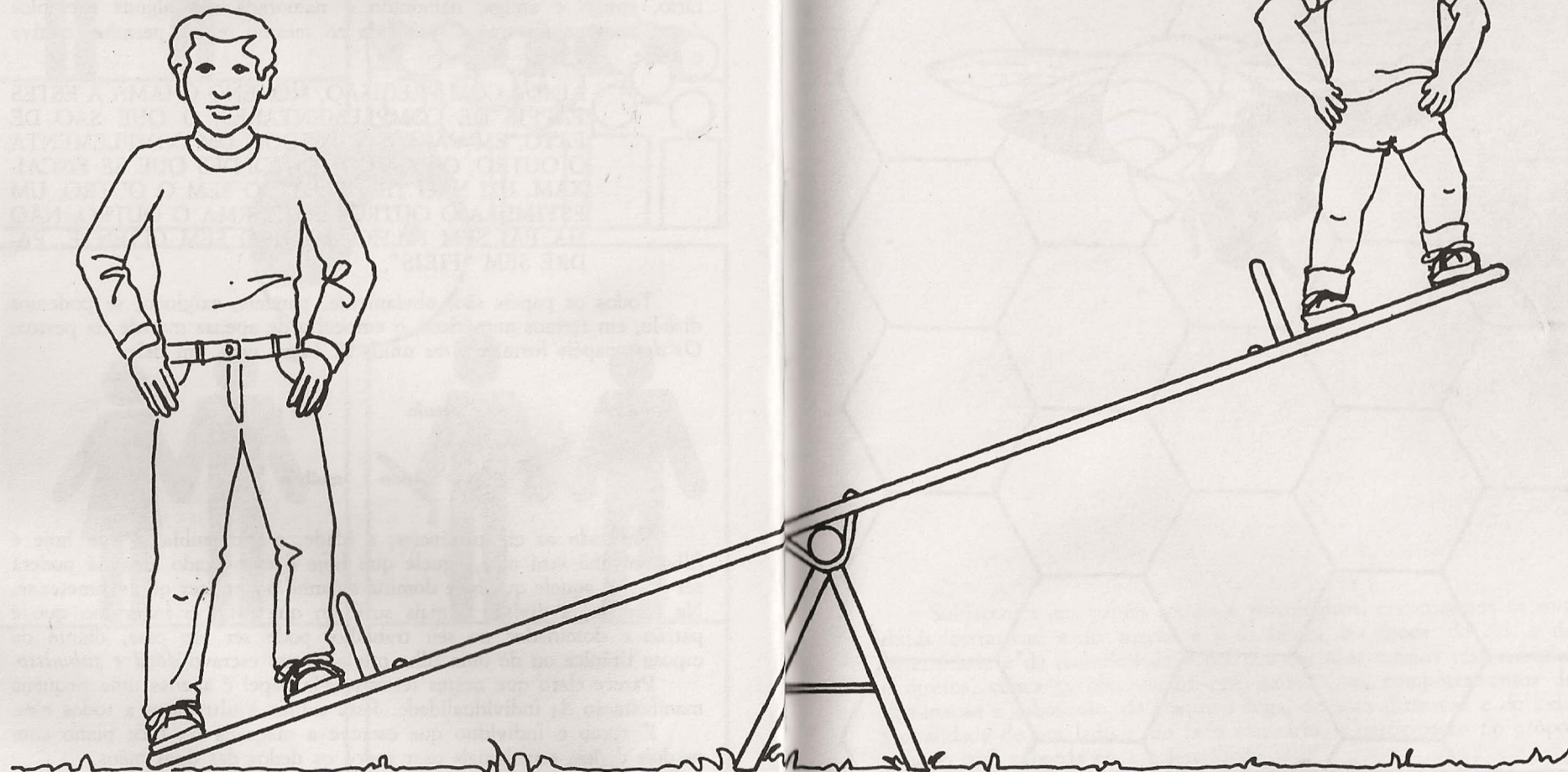
É como o indivíduo que escreve a máquina ou toca piano com os dois dedos, sem jamais usar todos os dedos das duas mãos.

Com esta comparação creio que o tema volta a fazer-se familiar, pondo-se em paralelo com quanto dissemos a respeito da aparência das pessoas, e das solicitações múltiplas e divergentes presentes nesta aparência.

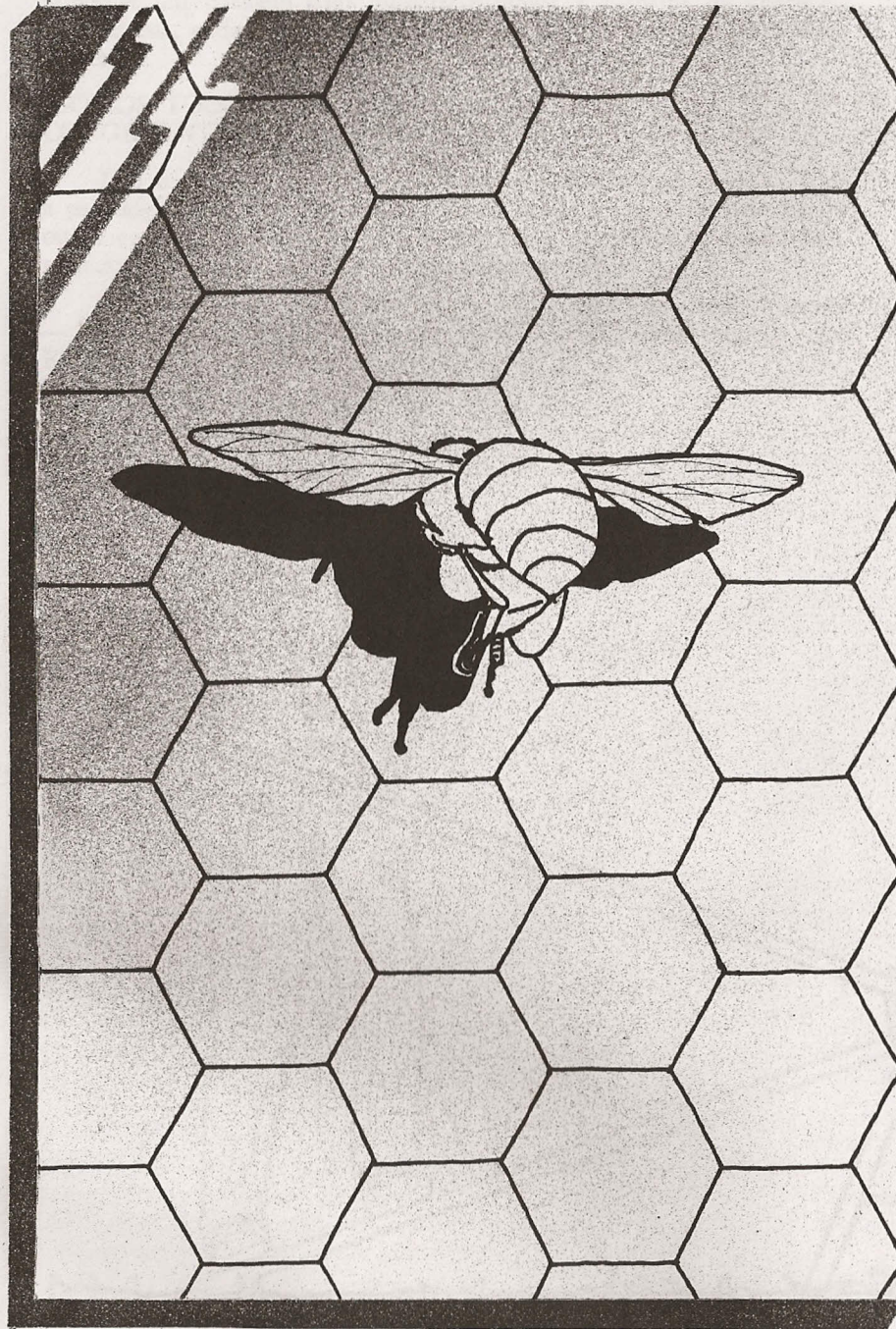
“SOMOS TODOS UMA SOMA NÃO MUITO CONGRUENTE DE MEIOS PAPÉIS”.

Isto é outra definição para a *couça muscular do caráter*. Toda a psicologia da estrutura social pode ser descrita em termos de papéis ou de couça muscular. Os dois referenciais esclarecem de modo complementar a dependência de todos para com todos.

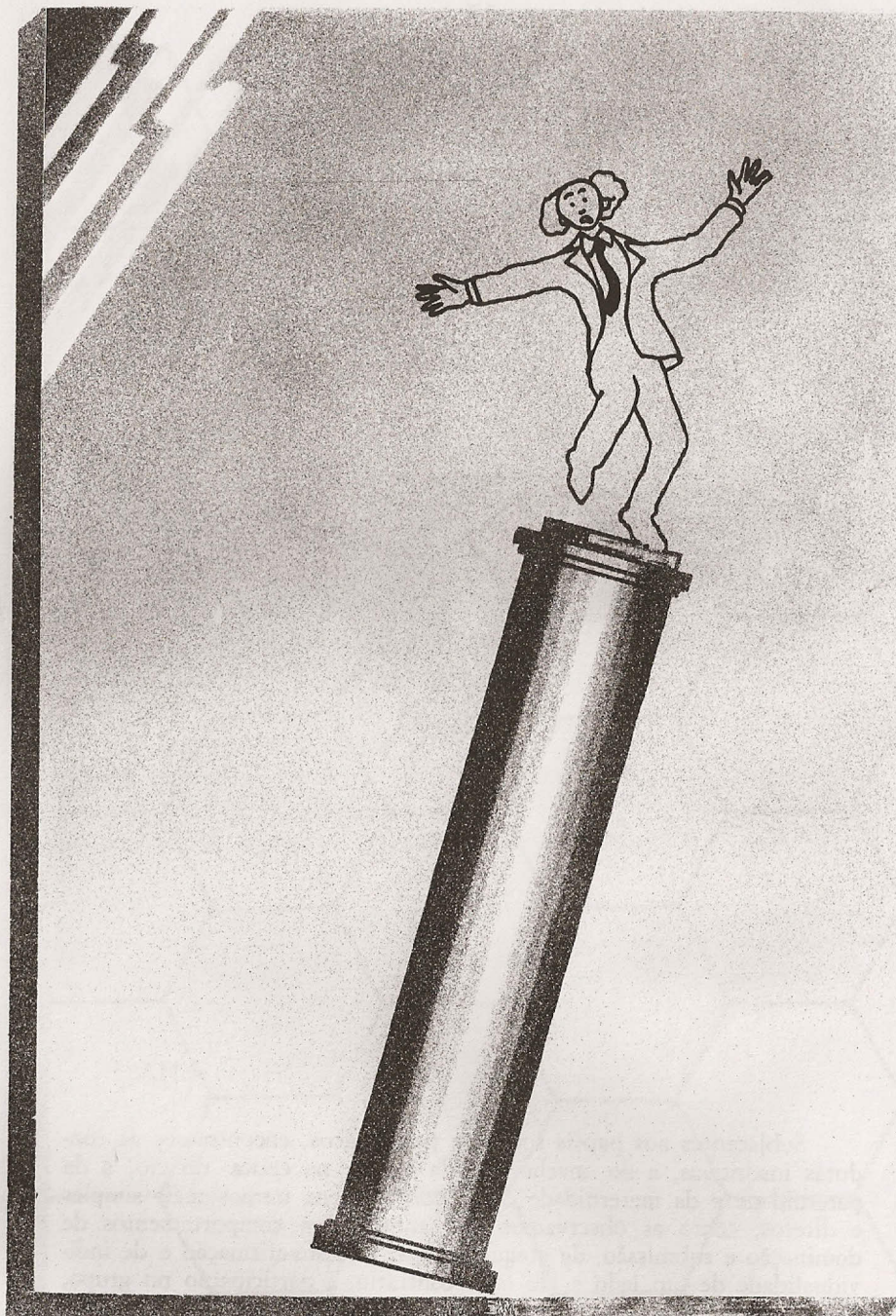
Moreno separou os papéis sociais — aqueles que exemplificamos — dos papéis emocionais ou psicológicos, precisamente aqueles que Reich estudou mais de perto.



15.
**LORENZ
E AS
CONDUTAS INSTINTIVAS**



Subjacentes aos papéis sociais e psicológicos, encontramos as condutas instintivas, a do macho e a da fêmea, na época do cio, a da paternidade e da maternidade concebida em seus termos mais simples e diretos, como as observamos nos animais, os comportamentos de dominação e submissão, de ataque e fuga, de auto-afirmação e de individualidade de um lado e, do lado contrário, a participação no grupo, a fusão com a horda ou a coletividade.



Nossos princípios nos são apoio e nos elevam. O mal é que podemos cair deles.

16. OS FUNDAMENTOS MOTORES DO PRINCÍPIO DE NÃO CONTRADIÇÃO

O animal não pode estar atacando e fugindo, ao mesmo tempo, na mesma situação.

Nosso aparelho de movimento é extremamente complicado, delicado e preciso, integrando a cada instante um número de esforços elementares da ordem de centenas de milhares.

Cada um desses esforços tem um controle neuronal independente, cada um desses elementos é potencialmente voluntário, potencialmente perceptível e, via de regra, mesmo em ações bastante simples, temos em ação algumas centenas ou milhares de tais esforços exercendo-se simultaneamente.

Não só a integração desses esforços é um processo na certa bastante complicado, a ponto de exigir praticamente dois terços do peso do encéfalo para se realizar, como também esses esforços têm que obedecer a condições de equilíbrio muito estritas e difíceis.

A forma humana — fiquemos com o homem — é bastante imprópria para permanecer de pé.

SE FIZERMOS UM BONECO COM A FORMA E A DISTRIBUIÇÃO DE PESO IDÊNTICAS À DO HOMEM VEREMOS QUE BASTA UM PEQUENO EMPURRÃO PARA QUE ELE GAIA. ESTE EMPURRÃO, DE OUTRA PARTE, É IMPOSTO A ESTA FORMA, A CADA INSTANTE, POR TODOS OS MOVIMENTOS QUE ELE FAZ.

Basta que levantemos o braço, que inclinemos a cabeça ou o corpo para um lado, e já estamos comprometendo nosso equilíbrio no espaço. Pode tratar-se de ações ligadas a objetos, carregar uma mala, andar de bicicleta, manejar uma serra, um martelo. Pode tratar-se de uma agitação emocional, de expressão veemente de ódio, de medo, da atitude de ataque ou de fuga. A dificuldade é sempre comparável.

São esforços muito complexos e bem organizados, a cada momento unitários, isto é, voltados para um fim e, via de regra, capazes de alcançá-lo. No momento seguinte esses esforços podem se inverter e se compor de outro modo.

MAS ENQUANTO O SISTEMA
DE ESFORÇOS OSCILA,
NÓS FICAMOS
OU NOS SENTIMOS PERPLEXOS.

Sentimo-nos “sem jeito”, o que, de novo, não é literário, é literal. É o que sucede quando “balançam nosso coreto” — isto é, quando abalam nossas atitudes ou nosso *status*.

É, talvez, por isto que os comportamentos instintivos mostram tenacidade tão acentuada.

São fruto de uma lenta coordenação de esforços, entendendo-se sistema tanto no sentido de forças que se exercem em conjunto a cada instante (atitude, postura), como conjunto de forças que se sucedem no decorrer do tempo, compondo uma conduta, um papel, um gesto ou uma sequência de gestos.

É a finalidade, sempre limitada, que limita a organização motora e gera os papéis.

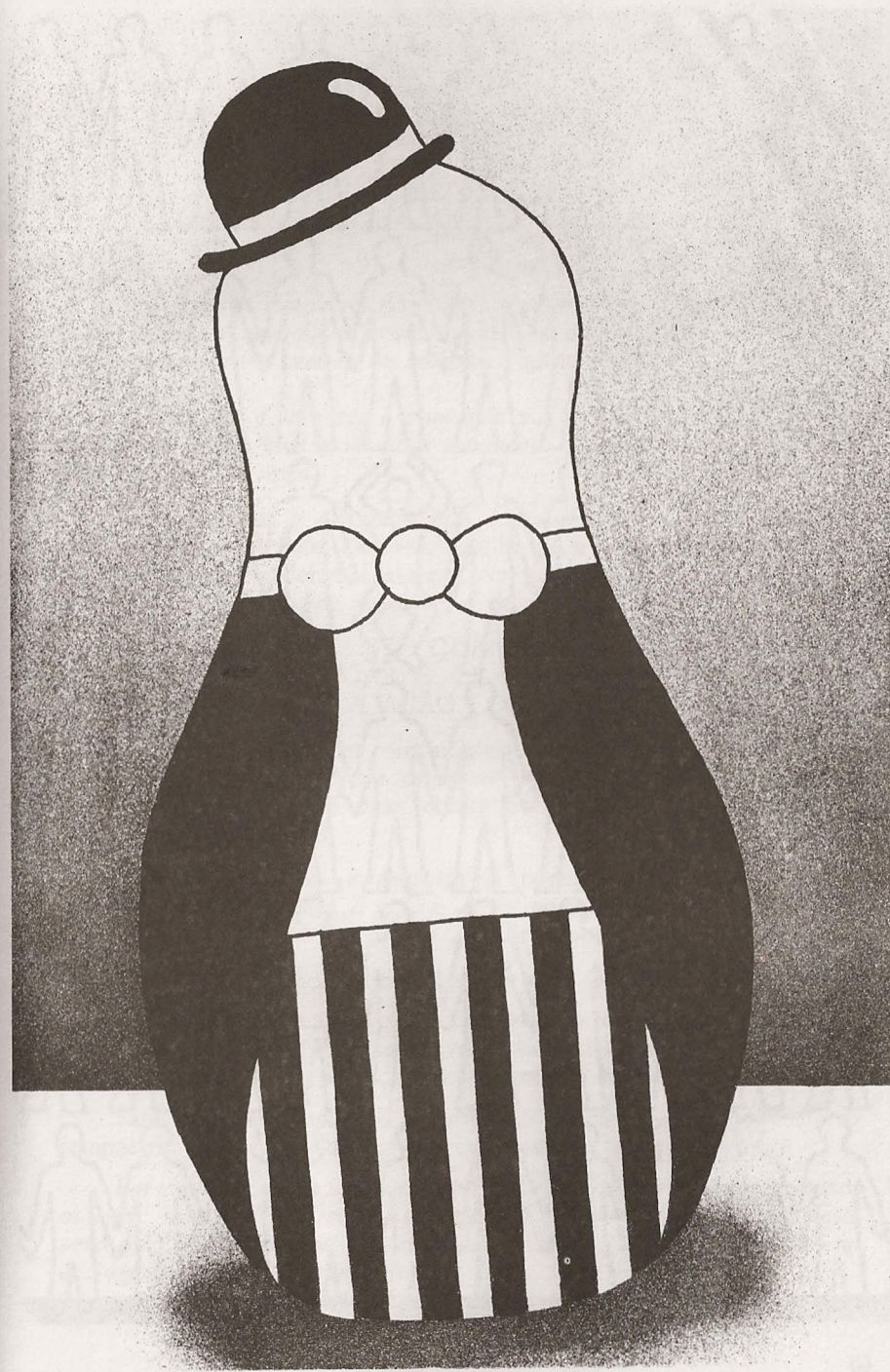
Convém compreender bem concretamente esta afirmação. Nenhum animal

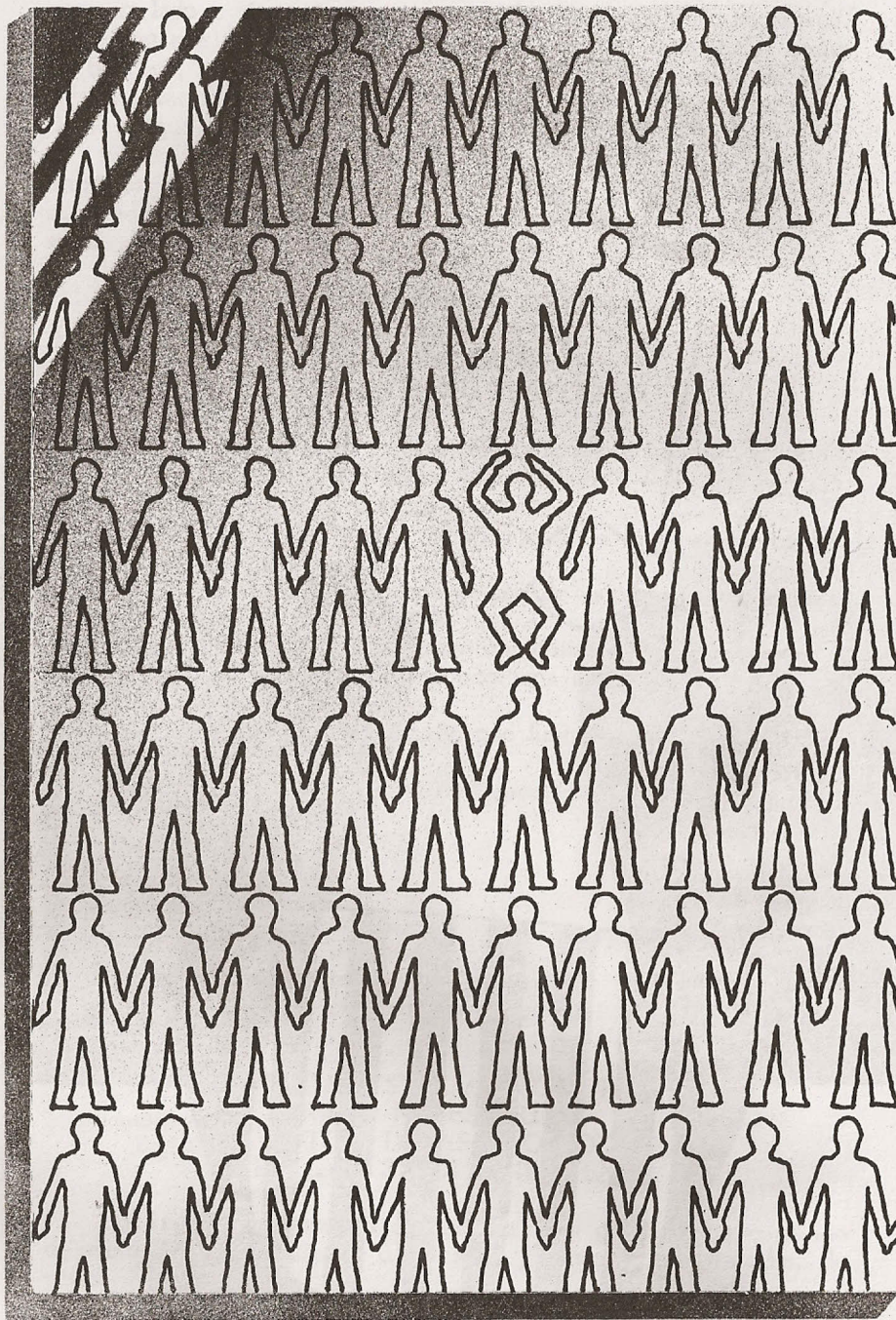
VIVE CONTINUAMENTE

E bebendo
E evacuando
E dormindo
E tendo relações sexuais
E cuidando da prole...

TODAS ESTAS ATIVIDADES
SÃO NECESSÁRIAS
MAS MUITAS DELAS NÃO PODEM SE
REALIZAR SIMULTANEAMENTE.

Dáí nasce a organização da conduta total como algo constituído de elementos distinguíveis, como soma de papéis, de atitudes, de gestos... de palavras.





17. A MORAL AS AVESSAS

Insistem os defensores da chamada lei natural, que todas as sociedades humanas têm algum conceito de bem ou de mal, mesmo quando este conceito possa variar de sociedade para sociedade.

Aquilo que é tido como bom por nós e para nós, pode ser tido como mau pelos nossos vizinhos de outra nação, de outro estado ou cidade, bairro ou casa.

Se tomarmos a afirmação do moralista como pura descrição, concordaremos com ele. De fato, não há no mundo sociedade humana na qual não esteja definida alguma espécie de bem e de mal, de permitido e de proibido, de desejável e de abominável.

A SOCIEDADE, TANTO QUANTO O INDIVÍDUO, DIVIDE O MUNDO. AS PESSOAS E OS ATOS EM DUAS CLASSES, A FIM DE PERMITIR A AÇÃO COLETIVA.

Vimos que solicitações contraditórias e simultâneas são paralisantes.

Nesta divisão vai nossa organização motora e vai a organização do comportamento (são duas coisas distintas). Como *consequência*, vai a organização social.

Mas *no indivíduo* a resposta A pode ser seguida em poucos instantes pelas respostas B e C e A de novo. Diante de um agressor posso tentar submeter-me, depois agredir e por fim fugir.

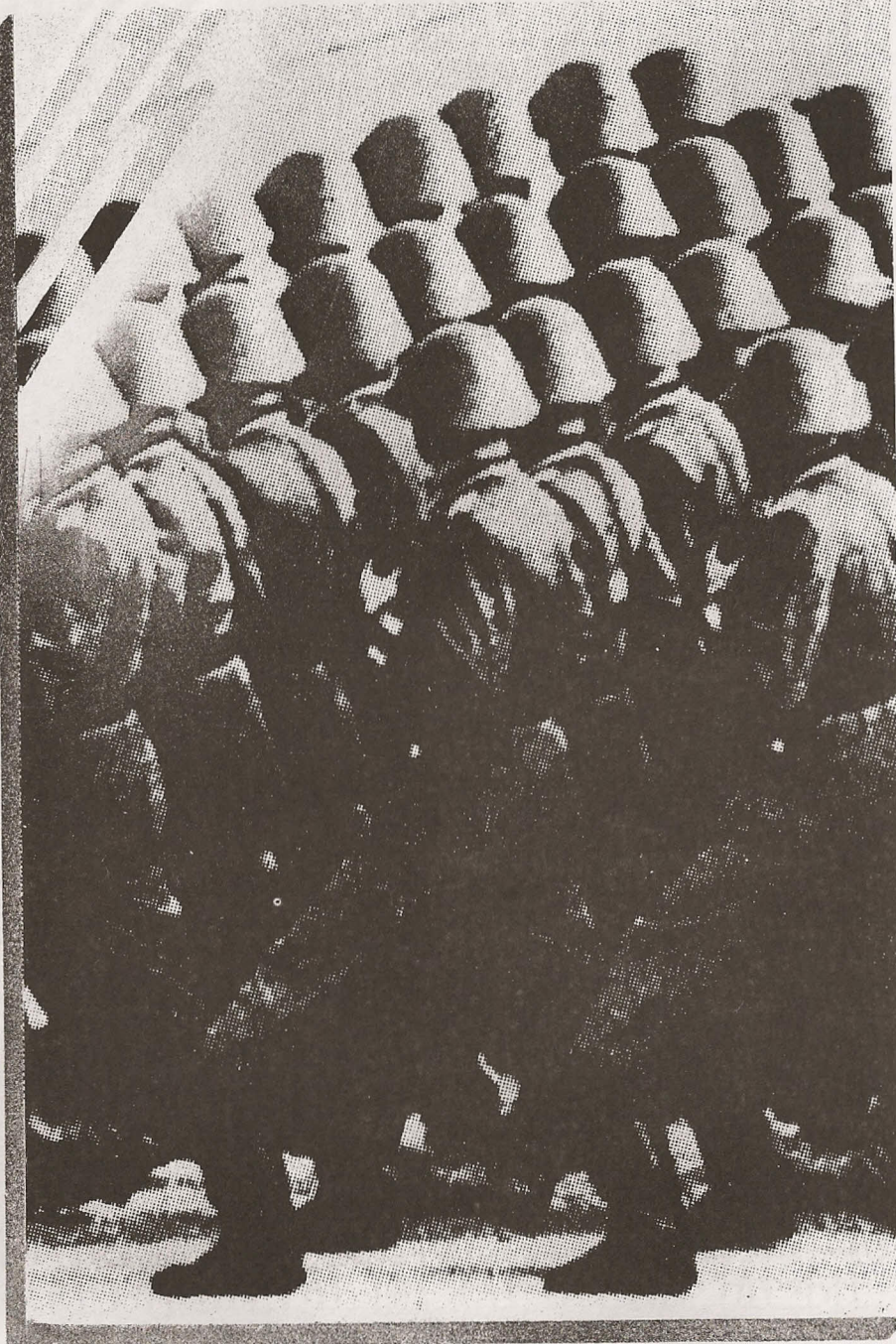
Já a regulamentação social não tem essa flexibilidade.

Até hoje nenhuma sociedade teve sistema de controle tão preciso e tão rápido como o sistema nervoso do indivíduo; por elas tendem a eternizar aquilo que no indivíduo ocorre em momentos.

Sabemos bem que toda organização coletiva tende a funcionar sempre do mesmo modo, durante um período longo de tempo.

Parece claro que a sociedade não pode mudar seus princípios todos os anos, muito menos todos os meses ou todos os dias. Mas vai nesta percepção, em aparência intuitiva ou "natural", um erro fundamental de lógica — e de humanidade.

18. O UNIFORME



Até hoje parece dominar a mente da maior parte das pessoas a noção de que a sociedade implica em uniformidade de comportamento, mesmo que esta uniformidade se limite à classe do indivíduo. Caso contrário supomos, imaginamos ou tememos o caos.

Concebemos todas as sociedades no molde e no modelo do formigueiro. Cada classe é concebida como uma casta, com aparência, comportamento, funções e inter-relações perfeitamente definidas e estáveis em relação às demais classes (ou castas).

EM CADA CLASSE, SEJA ELA ECONÔMICA, PROFISSIONAL, RELIGIOSA OU MORAL (OS VIRTUOSOS E OS PECADORES), SEMPRE SE ESPERA, EM CADA UMA DELAS E EM TODAS ELAS, QUE OS INDIVÍDUOS MOSTREM CERTAS ESPÉCIES DE COMPORTAMENTOS.

A SOCIEDADE PRECISA SER ASSIM?

Em todas elas existem as coisas que estão certas, são direitas e ficam bem, e em todas elas existem as coisas que estão erradas, não ficam bem ou são pecado — seja o pecado moral, social, econômico ou outro.

Daí que todos os indivíduos se sintam coagidos a só permitir a manifestação de algumas de suas inclinações, e a suprimir a manifestação de outras inclinações — todas aquelas que colidem com as exigências de sua classe, sua casta ou sua tradição familiar.

O indivíduo passa então a manifestar o que convém, e tenta controlar ou impedir a expressão daquilo que não convém.

Ele se faz cúmplice do sistema — ou célula do organismo — ou cidadão de seu mundo. É um indivíduo bem integrado, que a bem da agregação social se desintegra.

DE NOVO EMERGE O MEIO HOMEM.



19. A EXEMPLAR HISTÓRIA DO REIZINHO VAIDOSO

Todos conhecem a história do reizinho vaidoso que pagou uma fortuna para que dois espertalhões lhe fizessem um traje, tido e havido como inigualável mas que não era traje nenhum.

No dia em que o reizinho saiu nu à rua, todo mundo se encantou com a beleza e o luxo indescritíveis da pele do soberano, que nada tinha sobre o corpo.

ALÉM DAQUILO QUE SUA VAIDADE O
OBRIGAVA A AFIRMAR,

e além daquilo

QUE SEUS SÚDITOS SE SENTIAM OBRIGADOS A VER.

Foi preciso a ingenuidade de uma criança para que a situação fosse denunciada.

*NO JOGO DAS RELAÇÕES SOCIAIS, A MESMA CUM-
PLICIDADE DO SILÊNCIO E DA CEGUEIRA EXISTE
DE CADA UM PARA COM TODOS OS DEMAIS.*

O *contrato*, que é a própria definição do homem, presta-se a manifestações ridículas ou trágicas. O contrato é o acordo das vontades em função de uma fórmula verbal aceita pelos contrastantes. Esta fórmula, no contrato social, de regra é implícita (preconceito, usos e costumes de cada mundo social).

O contrato é, segundo alguns estudiosos, o ato mais específico do homem, o ato que *fez* o homem, a partir dos antropóides. O primeiro dos contratos — o que gerou a humanidade — foi a proibição do incesto, que é, ao mesmo tempo, aceitação da exogamia.

Como instrumento de produzir humanidade, o contrato é deveras prodigioso, justificando todos os louvores feitos até hoje ao livre arbítrio (sem o qual o contrato não tem sentido). Nada de surpreender que força tão poderosa possa estar sujeita a usos tão maus ou ridículos como os que estamos examinando.

Do contrato implícito à cegueira coletiva convencional vai passo menor do que se imagina.

É claro que os primeiros contratos humanos não foram verbais (nem registrados em tabelião!). Logo, podemos falar de contrato ao assinalar que ninguém *pode ver* o que *não convém* à estrutura social.

Esta cláusula é tão original (tão próxima da origem), quanto a do tabu do incesto. Também Freud, que denunciou a este, foi vítima daquele: preferiu *não ver* seus pacientes!

A VERDADE SIMPLES É QUE NINGUÉM ESCONDE MUITO O QUE SENTE, NEM CONSEGUE DISFARÇAR QUANDO ESTÁ DISFARÇANDO, MAS COMO NA PRÓPRIA CLASSE TODOS USAM O MESMO ARTIFÍCIO E PRATICAM O MESMO EMBUSTE, NINGUÉM DENUNCIA NINGUÉM. E A MENTIRA DE CADA UM SUBSISTE À CUSTA DA MENTIRA DE TODOS.

Não vemos nem dizemos que o outro está nu, pois que no mesmo ato nos sentiríamos fazendo um *strip-tease* em público! Nossos sonhos, que ainda são ingênuos, muitas vezes fazem exatamente assim!

Para fugir ao vexame concordamos todos em que o homem é composto de corpo e alma, a alma que só eu vejo, que só eu sei, que só eu conheço; e um corpo que só os outros vêem — mas que não tem muito a ver comigo, graças a Deus! Se meu corpo fosse de fato meu, se eu o sentisse como tal e se eu percebesse o que ele exprime,

MINHA ALMA NÃO TERIA MAIS ATRÁS
DE QUE ESCONDER-SE.

Hoje ela, minha alma, acredita que está escondida “atrás” do corpo.

Veze outras ela acredita que o corpo só manifesta o que ela permite, quer ou deseja. Deixemo-la na sua ilusão de rainhazinha vaidosa, a caminhar nuazinha pela rua, convicta do seu traje suntuoso e convicta da sua intimidade profunda — que ela pensa que ninguém conhece.

A tese parece muito ousada — ou simplória. Mas antes de julgá-la assim é preciso meditar em um dos maiores mistérios do homem ocidental: sua relação com seu corpo.

NA VERDADE, SUA NÃO ACEITAÇÃO DE SUA APARÊNCIA.

*Sejamos bem concretos:
vamos sair nus, na rua. Já!
É isto.*

Muito antes do tabu sexual, muito mais profundo e amplo, existe em nós o tabu da nossa nudez. Nem tanto a pele. Bem mais a aparência, o aspecto exterior, o gesto, a atitude...

Tenho para mim, inclusive, que a condenação do prazer do corpo e da carne é consequência *lógica* — isto é, necessária — da negação desta aparência.

“Atrás” daquilo que eu quero (e posso mostrar — a roupa, meus aspectos convencionais aceitáveis) *não existe mais nada*.

Não posso admitir que existe — ou me desclassifico socialmente!

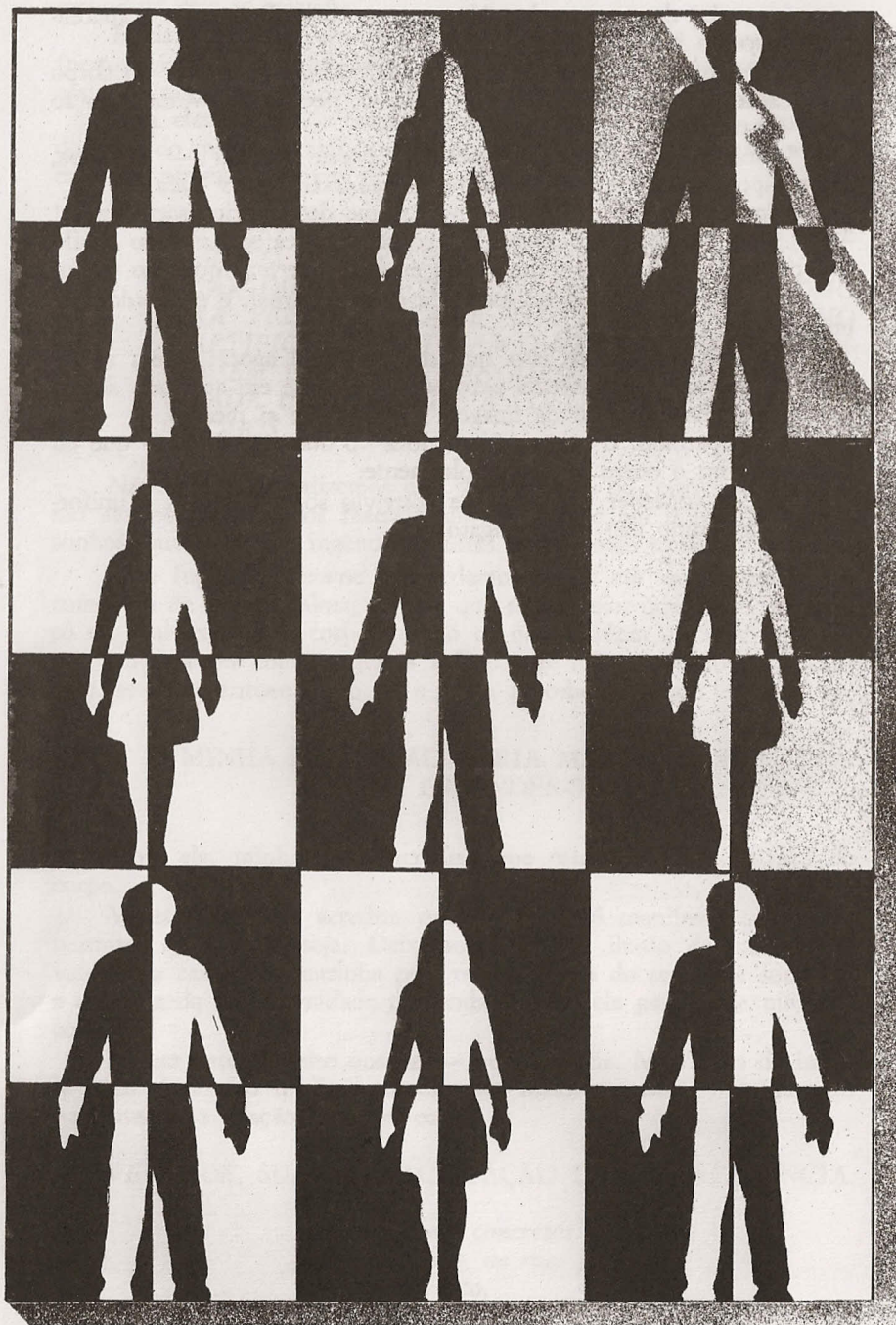
Logo: não posso ter corpo! Ter corpo significa aceitar tudo aquilo que por amor e temor à minha casta eu *tenho certeza* que não tenho.

Segundo a linguagem do asceta, a carne é o mal, é o pecado, é o proibido...

Ora, foi exatamente isso que dissemos até agora: quem se dê conta do corpo e da aparência perceberá que sente em ato tudo aquilo que mentalmente excluiu da imagem “oficial” de si mesmo.

Mas repetindo: o que eu “jogo fora” o outro recolhe. O que eu nego em mim o outro vê — simplesmente.

Pode-se conceber um estilo de convívio social no qual a uniformidade do grupo não seja obrigatória?



20. O MAL DO BEM E DO MAL

É preciso destruir a moral para que a moralidade se realize. Só no dia em que os homens abandonarem critérios gerais — ditos “universais” — de bem e de mal, é que poderão todos manifestar aquilo que são, sem se retalharem e se dividirem — interior como exteriormente.

SÓ ENTÃO AS CLASSES SOCIAIS DESAPARECERÃO.

Só então, numa sociedade amplamente permissiva, poderão os indivíduos viver todas as suas aptidões e inclinações, sem estabelecer entre elas prioridades suspeitas, desde que toda escolha de uma implica em sacrifício da outra, desde que toda realização de uma implica na supressão ou mutilação do seu contrário.

SE O PRIMEIRO DEVER DO HOMEM É A REALIZAÇÃO DE SI MESMO ATÉ SEU LIMITE, ENTÃO TODA SOCIEDADE UNIFORMIZANTE É UM PECA-DO IMPERDOÁVEL. OU UMA CONTRADIÇÃO INSO- LÚVEL, ISTO É, UMA PARALISIA MULTIPLAMEN- TE RECÍPROCA E ESTRUTURADA.

Ainda hoje é grande o número de pessoas a acreditar que a moral do “fazer a própria vontade” é uma coisa fácil, é a linha de menor resistência, a vertente da decadência e da frouxidão moral. Só pode pensar assim quem nunca tentou fazer a própria vontade até o limi- te — nem agüentou as conseqüências!

Não temos em nós — aparentemente não temos — a força, a grandeza e a duração dos

GRANDES PRINCÍPIOS

que são a

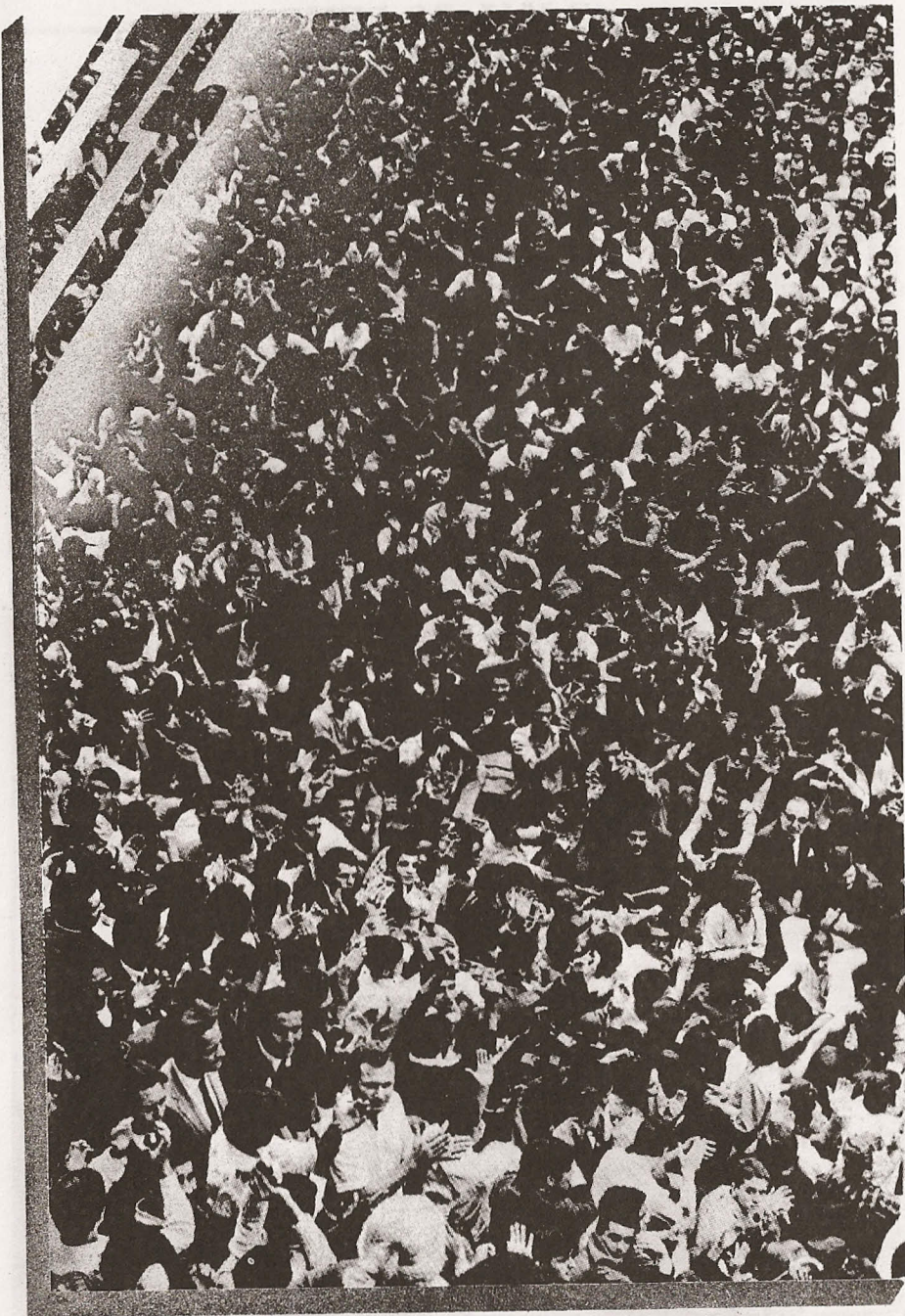
LEI DE TODOS CONTRA TODOS.

Por isso nossa posição individual é frágil, incerta e pequenina —, é difícil de sofrer. Por isso renunciamos a nós mesmos, à nossa fragi- lidade, “maldade” e pequenez.

Que a *Grande Autoridade* cuide de nós. Que os *Grandes Princí- pios* nos protejam!

A norma social nos alivia ao absorver e consagrar nossa incerteza, devolvendo-a logo sob a forma de Bem e Mal Coletivo, de Obrigação.

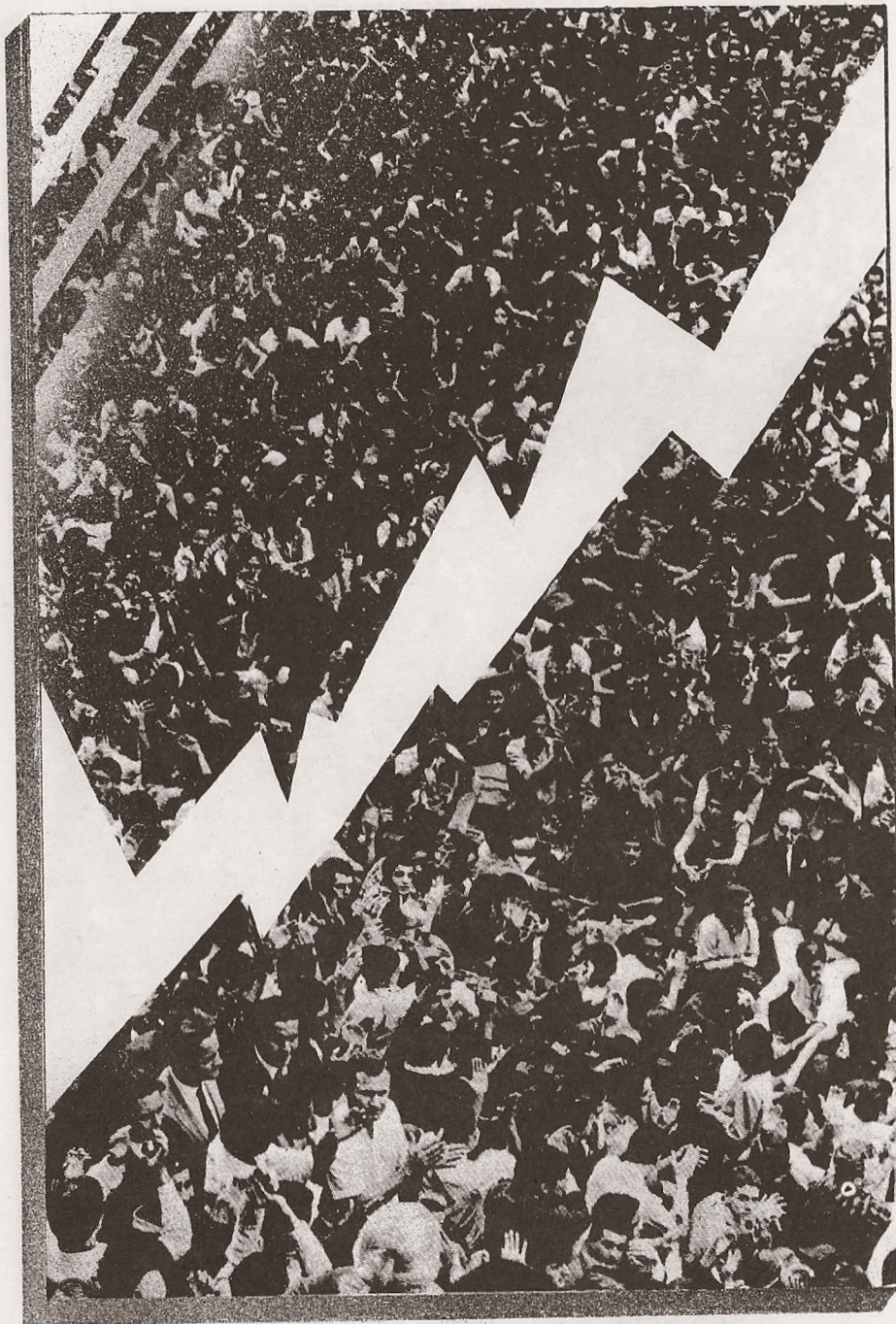
Por isso aceitamos a moral de todos — do grupo. Porque ela elimina incertezas individuais pungentes e insolvências emocionais difíceis de sofrer.



EU SOU UMA ILHA E OS OUTROS SÃO O MAR.

21. MINHA VONTADE E O OUTRO

Não se pense que “fazer a própria vontade” exclua ou destrua ao outro. O outro está sempre aí — multidão inumerável que me envolve do primeiro ao último instante da vida. Que me envolve por fora e me invade por dentro. Tudo o que sou e faço se formou e acontece na relação com os outros. Tudo o que eu faço tem consequências — dentro e fora de mim. A vontade própria não é o fim da norma, nem do outro.



22. A MALDIÇÃO DA ESTRUTURA DIVIDIDA

É a estrutura social que mantém a tortura da carne!

Explico-me: vimos bem o quanto são múltiplas e discordantes as expressões emocionais das pessoas, suas atitudes, suas faces, seus gestos.

Vimos também o quanto esta discordância decorre do fato de todos nós querermos manifestar a qualquer preço aquilo que parece conveniente, e de tentarmos todos esconder aquilo que parece impróprio, inadequado ou errado.

QUANDO, PORÉM, POR INJUNÇÃO SOCIAL, EU ESCOLHO ALGUMA COISA DE MIM MESMO, PASSO IMEDIATA E IRREMEDIavelmente A COBRAR DA SOCIEDADE O SACRIFÍCIO QUE ELA EXIGIU DE MIM.

Sinto-me mutilado, com direito a pensão e privilégios. Passo a uma atitude básica de dependência em relação à autoridade constituída, que de algum modo reúne ou resume em si a força da estrutura social. Passo imediatamente a implorar ao Deus que me mutila — e a odiá-lo.

Viver estes dois elementos inevitáveis é difícil — senão impossível.

Como viver duas atitudes tão contrárias como a de adoração e a do ódio?

O que acontece é que nós imediatamente projetamos a metade suprimida de nós mesmos, e passamos todos a caçar bruxas. Criminoso, anti-social e perigoso passa a ser o vizinho, o parente próximo, o patrão, o Governo, o negro, o bicha, o maconheiro e os outros bodes expiatórios que todos nós inventamos a todo instante, para que eles carreguem em si aquilo que nós temos que negar em nós mesmos.

Nenhuma sociedade atual sobreviveria sem bodes expiatórios. O genocídio dos judeus além de fato é símbolo.

Enquanto aniquilamos aqueles que são culpados, pioram as relações sociais.

Porque os culpados não são culpados — claro.

Porque culpados são todos — somos todos —, claro.

Mas também somos vítimas — todos.

Ou aprendemos todos a sofrer como vítimas — que somos;
ou seremos todos vítimas termonucleares.

Não sou eu o bom e ele o coitado — ou o f. da p.

Somos os dois coitados.

E f. da p. . .

Esta a tragédia, a comédia e a perplexidade. O capitalista é tão coitado quanto o trabalhador e o trabalhador é tão f. da p. quanto o capitalista. O russo é tão desgraçado quanto o americano que é tão f. da p. quanto ele. Ou entendemos assim, ou continuaremos a fabricar a interminável tragédia que é a história da humanidade.

De onde nasce o temor de perseguição que reside em todos — se aceitarmos os achados centrais de M. Klein?

ENQUANTO APOIAMOS TODOS A LEI DE TODOS,
SOMOS TODOS PERSEGUIDORES, JUÍZES E POLICIAIS
DE TODOS. PRINCIPALMENTE CARRASCOS.

Ninguém pode fazer diferente.

De onde vem, ainda, a profunda sensação individual de que temos todos os direitos, senão do fato de termos nos mutilado para sempre — por imposição de todos?

Se sou mutilado assim, então tenho o direito de encampar, conquistar e possuir *o máximo que eu puder*. Eles, os outros, não são meus inimigos?

Por que hei de tomá-los em consideração?

Não é difícil perceber que estamos generalizando alguns achados básicos da psicanálise.

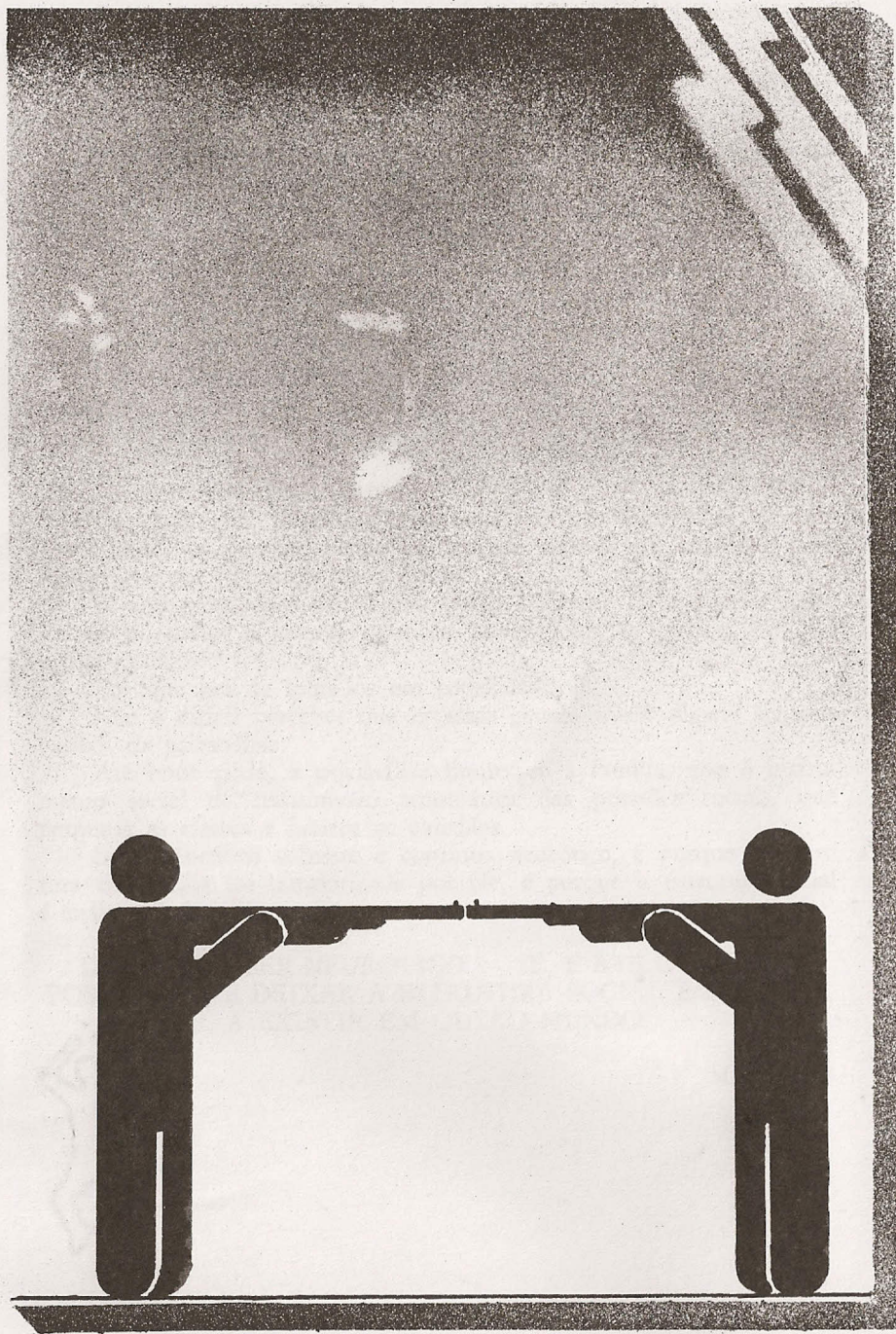
Até onde pôde, a psicanálise limitou-se à família, que é instrumento social de transmissão automática das pressões sociais, que perpetua as classes e fabrica os cidadãos.

Se o neurótico subsiste e continua neurótico, é porque a estrutura da família foi interiorizada por ele, é porque a estrutura social é análoga à familiar.

DEIXAR DE SER NEURÓTICO — SE, E ATÉ ONDE FOR
POSSÍVEL — É DEIXAR A ESTRUTURA SOCIAL E É PASSAR
A EXISTIR EM OUTRO MUNDO.

SOZINHO.





23.
O MISTÉRIO
DA
SOLIDARIEDADE ANTAGÔNICA

O MISTÉRIO É ESSE: PRECISO DO MEU INIMIGO PORQUE ELE É METADE DE MIM. SEM ELE NÃO CONSIGO CONCEBER-ME E SEM ELE NÃO SEI AGIR.

SÓ SEI AGIR CONTRA ELE — O INIMIGO CUJA EXISTÊNCIA ME ORGANIZA, ORIENTA E ANIMA.

MEU IRMÃO — APESAR DE TUDO E POR CAUSA DE TUDO.



24. EPITÁFIO

AQUI JAZ
TUDO QUE EU NEGO
EM MIM
E PONHO EM VOCÊ

É assim que são geradas e assim se mantêm as forças de repulsão da estrutura social, tão necessárias para a manutenção desta estrutura, quanto a pressão das necessidades comuns, e a atração da solidariedade humana. Ficamos todos imobilizados a uma certa distância uns dos outros e compomos assim, em uma analogia inevitavelmente molecular, uma estrutura, isto é, uma forma que se mantém indefinidamente, à custa de forças de atração e *repulsão equilibradas entre si*.

PUDÉSSEMOS NÓS ASSUMIR
A METADE REJEITADA DE NÓS MESMOS,
E IMEDIATAMENTE MODIFICAR-SE-IA
TODA A ESTRUTURA SOCIAL.

Creio — é um ato de fé — que deste modo, e só deste modo, nos será dado transformar uma estrutura rígida, cristalizada, opressiva e ameaçadora, numa organização capaz de crescimento, de fato viva, de fato cálida, de fato amorosa.

Amar o outro é a primeira condição da liberdade. Para amar é preciso aceitar a si próprio e depois aceitar o outro — o inimigo tradicional. A aceitação começa

NO MEU ESPELHO MÁGICO
(QUE É VOCÊ)

O processo é dialético e interminável.

AGORA A VIDA PODE COMEÇAR
AMÉM, ALELUIA!

